

Pesquisa participativa e extensão rural como processos educativos

Reflexão sobre a prática

Técnicos

Agricultores

Diálogo

Método

Ruptura

Extensão rural

Pesquisa participativa

Educação

Conhecimento tradicional



Governador do Estado
João Raimundo Colombo

Vice-Governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Airton Spies

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Ditmar Alfonso Zimath
Extensão Rural

Luiz Antonio Palladini
Ciência, Tecnologia e Inovação

Neiva Dalla Vecchia
Desenvolvimento Institucional

Paulo Roberto Lisboa Arruda
Administração e Finanças





SC RURAL

*Cooperação para o
desenvolvimento rural*

ISSN 0100-8986

DOCUMENTOS Nº 246

Pesquisa participativa e extensão rural como processos educativos

Cíntia Uller-Gómez
Carolina Gartner
Sérgio Leite Guimarães Pinheiro



Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina
Florianópolis
2014

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000, fax: (48) 3665-5010

Site: www.epagri.sc.gov.br

Editado pela Gerência de Marketing e Comunicação (GMC).

Editoria técnica: Paulo Sérgio Tagliari

Revisão e padronização: João Batista Leonel Ghizoni

Diagramação e arte-final: Victor Berretta

Assessoria técnico-científica deste trabalho: Irceu Agostini – Epagri/Estação Experimental de Itajaí

Marcio Antonio de Mello – Epagri/GPI-Sede

Nelson Cortina – Epagri/Cepaf

Primeira edição: maio de 2014 (online)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica

ULLER-GÓMEZ, C.; GARTNER, C.; PINHEIRO, S.L.G. Pesquisa participativa e extensão rural como processos educativos. Florianópolis: Epagri, 2014, 92p. (Epagri. Documentos, 246).

Extensão rural; Pesquisa participativa.

ISSN 0100-8986



AUTORES

Cíntia Uller-Gómez

Engenheira- agrônoma, Dra. em Ciências Humanas, Fatma – Fundação de Meio Ambiente/Gerência de Licenciamento Agrícola e Florestal.

Rua Felipe Schmidt, 485, Centro, Florianópolis, CEP 88.010-001,
fone: (48) 4316-1748, e-mail: cintiauller@fatma.sc.gov.br.

Carolina Gartner

Geógrafa, M.Sc. em Agroecossistemas,

Rua Prefeito Cantídio Veríssimo, 55, Bairro Universitário, Biguaçu, SC
CEP 88.160-970, fone (48) 3243-4616, e-mail: cgartner5@yahoo.com.br.

Sergio Leite Guimarães Pinheiro

Engenheiro-agrônomo, Dr., Epagri/Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), C. P. 1587, 88034-001, Florianópolis, SC, fone: (48) 3665-5448, e-mail: pinheiro@epagri.sc.gov.br.

“Não seriam poucos os exemplos que poderiam ser citados, de planos de natureza política ou simplesmente docente, que falharam porque seus realizadores partiram de uma visão pessoal da realidade. Porque não levaram em conta, num mínimo instante, os homens em *situação* a quem se dirigia o *seu* programa, a não ser com puras incidências de sua ação.”

Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*

APRESENTAÇÃO

O fortalecimento da agricultura catarinense não depende apenas de inovações tecnológicas, mas, sobretudo, da capacidade das populações rurais e dos técnicos que lhes assistem em abordar adequadamente os problemas que se apresentam como entraves ao seu desenvolvimento.

Nessa perspectiva de trabalho, é essencial a comunicação entre técnicos e agricultores para a apropriação crítica das inovações tecnológicas desenvolvidas em centros de pesquisa ou para o desenvolvimento local de tecnologias apropriadas aos diferentes contextos.

Este trabalho apresenta importante instrumental teórico-metodológico para estruturar o diálogo entre técnicos e agricultores no trabalho de extensão rural, trazendo para as Ciências Agrárias abordagens originárias da área da Educação, cuja necessidade tem sido cada vez mais enfatizada, sobretudo a partir da promulgação, em 2004, da Nova Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural.

A Diretoria Executiva

PREFÁCIO

Depois de quase meio século da publicação das famosas obras de Paulo Freire *Extensão ou Comunicação* e *Pedagogia do Oprimido*, não é muito comum encontrar publicações que abordem a proposta problematizadora de educação freiriana para os trabalhos de extensão rural apresentando aspectos que descrevem e analisam características processuais para sua implementação junto a comunidades rurais.

A maioria dos trabalhos aponta premissas freirianas sem, contudo, considerar o processo de Investigação Temática, que é a base para o levantamento dos Temas Geradores. Esses, conforme proposta de Freire, devem ser os orientadores de um programa de ação educativa – no caso em foco neste livro, junto aos agricultores. É, portanto, a Investigação Temática o cerne de uma práxis que possibilita o desenvolvimento de compreensões e possíveis modificações de situações relacionadas a Temas Geradores.

Este trabalho contribui para suprir uma lacuna, particularmente em práticas educativas implementadas através da extensão rural, constituindo-se num esforço original e criativo ao alcance de técnicos e agricultores, que torna possível proporcionar um aprendizado crítico. O texto apresenta o esforço de adaptação, aplicação e descrição do processo de “Investigação Temática”, proposto pelo educador Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido*, como orientador de atividades junto a populações rurais, e sua associação aos Momentos Pedagógicos – abordagem desenvolvida na área de Educação em Ciências para proporcionar a transposição das premissas freirianas ao ensino formal.

Em linguagem acessível, as autoras descrevem os detalhes da aplicação dessa conjugação didático-pedagógica em comunidades rurais para que o leitor possa, por si só, realizar a crítica do processo e proceder à sua adaptação para

outros contextos. Desse modo, este texto serve como material didático para técnicos extensionistas e representa um avanço na direção da concretização de abordagens educativas na extensão rural, previstas na Política Nacional de Assistência e Extensão Rural.

Demétrio Delizoicov

SUMÁRIO

1 Os alicerces da casa: as bases da pesquisa.....	17
2 Coletar dados: revisar documentos e ouvir a comunidade	19
2.1 As primeiras informações sobre as localidades	21
2.1.1 O Município de Biguaçu, SC.....	21
2.1.2 As localidades da pesquisa	22
2.2 Observando e conversando com a comunidade	29
2.2.1 A memória sobre as antigas formas de manejo	31
2.2.2. As transformações regionais e locais.....	35
2.2.3 O desestímulo.....	38
2.2.4 A atividade carvoeira	42
2.2.5 A percepção sobre as mudanças ocorridas no processo produtivo	47
2.2.6 A juventude que quer a agricultura.....	49
2.3 Compreendendo como os técnicos veem as comunidades.....	50
3 Discutindo as situações significativas com a população.....	52
3.1 Relacionando as situações significativas encontradas.....	54
3.2 O encontro: seus objetivos, contexto e fundamentos.....	56
3.2.1 A dinâmica problematizadora.....	57
3.2.2 Preparando as codificações	58
3.2.3 Os Momentos Pedagógicos	60
4 Descrição e análise do encontro coletivo	63
4.1 O encontro na Microbacia das Fazendas	63
4.1.1 Destaques da discussão	64
4.2 O encontro na Microbacia de São Mateus	70
4.2.1 Destaques da discussão	70

4.3 Observações do ponto de vista da dinâmica realizada.....	73
4.4 Observações do ponto de vista dos objetivos estabelecidos	73
4.5 Os temas geradores.....	74
5 Um programa de ação para as Microbacias de São Mateus e das Fazendas	76
5.1 Sugestão de conteúdos para aprofundar os temas	77
5.2 Estratégias metodológicas sugeridas	78
5.2.1 Exemplos de atividades	80
5.2.2 Por onde começar	82
6 Autoavaliação	83
7 Considerações finais.....	84
8 Agradecimentos.....	85
Referências	86

LISTA DE SIGLAS

ADM – Associação de Desenvolvimento da Microbacia

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Ibama – Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis

Ceasa – Central de Abastecimento de Santa Catarina

Epagri – Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina

MB2 – Projeto de Recuperação Ambiental e de Apoio ao Pequeno Produtor Rural
(Prapem/Microbacias 2)

PDMH – Plano de Desenvolvimento da Microbacia Hidrográfica

INTRODUÇÃO

Quando vamos ao médico para saber o que está nos causando um problema de saúde, ele faz muitas perguntas e nos manda fazer alguns exames de laboratório para apontar, diagnosticar o problema e, então, nos indicar o melhor tratamento. No início dos trabalhos do *Projeto Microbacias 2* (MB2) em localidades de Águas Mornas, Biguaçu e Palhoça, os técnicos, juntamente com a comunidade, fizeram um diagnóstico e decidiram que era necessário procurar um “tratamento” para alguns problemas. Um desses problemas era a falta de participação dos agricultores nas atividades propostas pela equipe técnica, e o outro dizia respeito aos conflitos que existiam entre as famílias.

O que vamos apresentar nestas páginas é resultado de uma pesquisa, dos “exames” que foram feitos para procurar entender os motivos dessas queixas e apontar caminhos para construir melhorias. Essa pesquisa foi desenvolvida entre julho de 2007 e dezembro de 2008, nas localidades atendidas pelo MB2 em Biguaçu – São Mateus, São Marcos, Canudos e Espanha, que, juntas, constituíram a Associação de Desenvolvimento da Microbacia Hidrográfica de São Mateus (ADM de São Mateus), e Fazenda de Dentro, Fazenda de Fora e Fazendinha, que constituíram a Associação de Desenvolvimento da Microbacia das Fazendas (ADM das Fazendas).

Cada objeto ou assunto que se quer conhecer exige técnicas e ferramentas específicas. Não se pode fazer crochê usando agulhas de tricô... Da mesma forma, entender as razões que geram os conflitos entre pessoas da comunidade e a falta de motivação para participar das atividades coletivas exigia conhecimentos e técnicas específicos das ciências humanas.

Mas, além de entender o porquê das coisas, a pesquisa deveria tentar mostrar como reverter o quadro de conflitos e falta de participação, apresentar e sugerir

um método que mobilizasse a comunidade e dirimisse conflitos. Para essa tarefa, buscou-se auxílio naquilo que o grande educador brasileiro Paulo Freire e seus seguidores já estudaram, pesquisaram, praticaram e escreveram.

O que se quer destacar neste texto é o caminho (método) que utilizamos, para que ele possa servir como guia flexível para o conhecimento de outras comunidades, por si mesmas ou por pessoas de fora que queiram contribuir com elas. Por outro lado, para a própria compreensão do caminho percorrido, é necessário apresentar dados particulares das localidades mencionadas, porque os resultados conseguidos são consequência dos tipos de estratégia utilizada e, ao mesmo tempo, eram os resultados obtidos que iam determinando as particularidades do caminho a ser seguido.

1 Os alicerces da casa: as bases da pesquisa

Ao construirmos uma casa, precisamos fazer um bom alicerce sobre o qual ergueremos as paredes, depois colocaremos o telhado. Depois que a casa estiver erguida, podemos decorá-la com um reboco texturizado, colocar azulejos de cores diferentes, pintá-la de diferentes formas. Mas se a base não for sólida, tudo corre o risco de ser desmanchado.

Quando se quer promover a mobilização comunitária e procurar resolver conflitos, o processo é semelhante. Todos sabem que uma comunidade unida é muito mais forte, consegue reivindicar seus direitos, consegue investir em projetos novos. Acontece que, às vezes, quem está vivendo numa determinada realidade está tão envolvido por ela que não consegue visualizar os problemas com clareza e acaba desperdiçando oportunidades ou deixando de buscar alternativas que, embora um pouco mais distantes, também existem.

Para que um processo de mobilização comunitária seja sólido e para que possíveis conflitos possam ser resolvidos é preciso que as pessoas tomem consciência deles para então procurar os caminhos de solução. É preciso que seja um processo educativo. Por esses motivos este trabalho foi apoiado nos ensinamentos do educador Paulo Freire, que entendia que a educação tem a função de possibilitar aos homens transformar o mundo. A educação tem como propósito possibilitar que as pessoas compreendam melhor sua realidade para poder transformá-la.

Paulo Freire sugere um caminho, alguns passos, para promover a conscientização das pessoas. É desse caminho que se tentou aproximar na pesquisa realizada, adaptando-o ao desafio de apontar sugestões para a mobilização comunitária. O caminho sugerido por Paulo Freire começa no que foi chamado por ele de “Investigação Temática”¹, cujo processo é composto de quatro etapas que se relacionam entre si:

¹ O processo de “Investigação temática” foi descrito inicialmente no terceiro capítulo do livro *Pedagogia do Oprimido* (Freire, 1987), publicado pela primeira vez em 1968, quando Paulo Freire estava exilado no Chile, e já foi traduzido para mais de 30 idiomas. A descrição desse método também pode ser encontrada, numa forma bastante acessível, na dissertação de mestrado do Prof. Demétrio Delizoicov Neto (Delizoicov, 1982), defendida em 1982 na Universidade de São Paulo, na qual o autor faz uma releitura, procurando sua adaptação para a educação em sala de aula.

- Levantamento preliminar;
- Análise das situações e escolha das codificações;
- Círculos de Investigação Temática;
- Redução Temática.

A essas etapas se seguiria a execução do programa educativo elaborado a partir delas, denominado por Paulo Freire de Círculos de Cultura. Os Círculos de Cultura correspondem aos encontros em que o material produzido com base na investigação temática é apresentado e discutido com o grupo. Na educação formal, corresponderia à etapa da sala de aula.² Essas etapas serão descritas ao longo deste texto com exemplos práticos das comunidades que participaram da pesquisa.

O resultado da Investigação Temática são os Temas Geradores, para serem aprofundados ao longo do programa elaborado. Os temas estão relacionados a situações da realidade da população que se constituem em barreiras para seu desenvolvimento. É preciso esclarecer que, na perspectiva freiriana, a “realidade” diz respeito aos dados físicos, naturais (por exemplo, as condições da lavoura, a produtividade, a sanidade, etc.), às condições socioeconômicas (renda, escolaridade, organização, acesso aos serviços básicos e à assistência técnica, etc.) bem como ao que as pessoas pensam a respeito dessa condição em que se encontram. Assim, seria importante coletar os dados, que se pode chamar de objetivos e também aqueles que se pode chamar de subjetivos, isto é, o pensar das pessoas.

Os temas, resultados da Investigação Temática, quando passam a ser objeto de estudo para o povo e pesquisadores em conjunto, permitem uma compreensão melhor da realidade. Para acontecer essa compreensão é necessária, num processo dinâmico, a aquisição de conhecimentos novos e novas ações para superar as dificuldades que vão sendo compreendidas, em torno dos quais se mobiliza a comunidade. A partir dos temas, pode-se propiciar uma reflexão crítica da realidade que levará a uma nova percepção e, então, exigirá nova postura, novas tarefas, novas ações para superação das situações que vão sendo compreendidas, tendo, por isso, potencial mobilizador.

Um tema gerador, como bem sintetizou Delizoicov (1982), tem como características básicas:

- Só pode ser compreendido nas relações do homem com o mundo; nem só nos homens isolados da realidade, nem só na realidade isolada dos homens;
- Através dele se pode gerar um conteúdo programático relacionado diretamente à vida da população;
- Propicia uma reflexão crítica da realidade;
- Pode levar a uma intervenção na realidade.

² Delizoicov (1982, p.34) esclarece que “Paulo Freire denomina de ‘círculos de investigação temática’ as reuniões que têm como fim específico a busca dos temas para a geração do programa, distinguindo-os dos ‘círculos de cultura’, que são as reuniões realizadas na etapa que se segue à investigação temática, quando o material educacional produzido, referente à realidade, já sistematizado é apresentado para estudo e discussão a todos os educandos que estarão participando da campanha educativa. Originalmente, Freire não distinguia ‘círculos de investigação temática’ do ‘círculo de cultura’”. Veja-se nota de rodapé em *Pedagogia do Oprimido* (Freire, 1987, p.112).

Paulo Freire explica que são chamados “Temas Geradores” porque “contêm em si a possibilidade de desdobrar-se em tantos outros temas que, por sua vez, provocam novas tarefas que devem ser cumpridas” (Freire, 1977, p.93).

No trabalho em Biguaçu, entendia-se que esse processo seria útil para que as pessoas compreendessem as situações-limite que estão vivenciando, os conflitos que delas surgem e a partir de então se sentissem motivadas a buscar soluções. Ou seja, procurou-se conhecer as relações sociais na comunidade, procurando entender como viviam e o que pensavam sobre a sua vida, como enxergavam seus problemas. O pensamento das pessoas sobre sua realidade e as ações que derivam desse pensamento podem ser revistas e modificadas a partir de um processo que se inicia com a Investigação Temática.

2 Coletar dados: revisar documentos e ouvir a comunidade

A primeira parte do trabalho esteve ancorada na primeira etapa da Investigação Temática e denominada por Paulo Freire de “Levantamento Preliminar”. Essa etapa é destinada ao reconhecimento da área em que se pretende trabalhar. Inicialmente, procuraram-se informações através do que se costuma chamar de fontes secundárias, que são livros escritos sobre aquela área, dados estatísticos, documentos elaborados por entidades que já atuaram no local, etc.

Além desses dados que ajudam a compreender a comunidade, deve-se conversar com as pessoas do local para entender o que essas pessoas pensam sobre sua realidade. Mirando no exemplo de Paulo Freire, que buscava na realidade da população aquilo que lhe era significativo para iniciar o processo educativo, precisava-se encontrar na realidade das comunidades investigadas situações que as mobilizariam. Na pesquisa realizada, essa primeira etapa foi muito intensa; era preciso compreender as atividades desenvolvidas pela população, seus hábitos, para começar a entender sua realidade e o que pensavam dela.

Primeiramente, visitaram-se as várias lideranças e escolas das comunidades pesquisadas, acompanhadas pelo engenheiro-agrônomo facilitador³ das Microbacias, apresentando o trabalho que seria realizado. Paralelamente, foi feita a leitura de documentos elaborados sobre as comunidades pesquisadas, sobretudo os Planos de Desenvolvimento das Microbacias Hidrográficas (PDMHs) e as atas das reuniões da Diretoria e das Assembleias Gerais da Associação de Desenvolvimento da Microbacia de São Mateus e da Microbacia das Fazendas. Também aconteceu uma longa conversa com o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Biguaçu na qual foram abordados, sobretudo, aspectos sobre participação comunitária e projetos desenvolvidos junto à população.

³ “Facilitador” é o termo usado para designar os profissionais contratados, em caráter temporário, para atender especificamente às demandas das Associações de Desenvolvimento das Microbacias, no âmbito do Projeto Microbacias 2.

O passo seguinte foi escolher uma amostra de pessoas que representassem os diferentes tipos de famílias existentes nas comunidades para poder conversar com elas e entender seus pontos de vista.

Vale ressaltar que, no início do trabalho, se deve esclarecer às pessoas o motivo da presença dos pesquisadores nas localidades e, se o propósito for, de fato, construir um programa de ação-educação para comunidades, devem-se convidar as pessoas para que passem a participar como representantes dessas comunidades em discussões sistemáticas sobre as situações importantes com vistas à construção de um programa. O importante é que as pessoas sejam representativas da diversidade sociocultural do local – mais do que representantes ou lideranças formais – para que todas as situações existentes sejam conhecidas e discutidas.

Para se ter uma primeira ideia sobre essa diversidade, começou-se coletando informações em duas Unidades de Saúde sobre todas as famílias que faziam parte das localidades incluídas na pesquisa, anotando dados sobre sexo, faixa etária, escolaridade, uso de medicação controlada, ocupação, participação em atividades comunitárias, condições de moradia (destino dos resíduos sólidos, abastecimento de água).



Figura 1. Unidade de Saúde de Limeira, Biguaçu, onde foram coletados dados para a pesquisa

Ao todo foram analisados 402 cadastros do Programa de Saúde da Família⁴, sendo 287 correspondentes às localidades de São Mateus, São Marcos, Canudos e Espanha, e 115 referentes às localidades de Fazenda de Dentro, Fazenda de Fora e Fazendinha. Além das informações dos cadastros em si, no período em que foi realizado o trabalho junto às Unidades de Saúde, foram importantes as conversas com as enfermeiras, que nos informaram sobre o uso intensivo de agrotóxicos e sobre os frequentes casos de intoxicação.

Depois de consultar os cadastros, foram feitas conversas com agentes de saúde, e puderam ser aprofundados ainda mais os dados obtidos. As agentes de saúde são pessoas que conhecem muito bem a comunidade porque visitam as famílias periodicamente. Assim como as enfermeiras e algumas lideranças, essas profissionais foram o que se costuma chamar de “informantes-chave”, dando-nos informações muito importantes quando se quer ajudar a comunidade a se conhecer melhor. Dessa forma, sempre devem ser consideradas quando se precisa de informações sobre uma comunidade quando os pesquisadores são de fora.

O refinamento dos dados com as agentes de saúde, aliado à pesquisa em fontes secundárias, permitiu um primeiro diagnóstico da realidade, que é compartilhado com os leitores neste trabalho.

2.1 As primeiras informações sobre as localidades

2.1.1 O Município de Biguaçu, SC

O município de Biguaçu possui área de 326km² e localiza-se na porção leste do Estado de Santa Catarina, distante aproximadamente 17km da capital, Florianópolis. Limita-se ao norte com o município de Tijucas, ao leste com a Baía Norte (Oceano Atlântico) e o município de Governador Celso Ramos, ao sul com São José, ao oeste com o município de Antônio Carlos e ao noroeste com os municípios de São João Batista e Canelinha.

A ocupação do município ocorreu a partir de 1747, com a fundação da Vila de São Miguel, ponto originário da evolução municipal, através de um processo migratório cuja principal corrente foi a açoriana, que, com o tempo, se miscigenou com o negro africano e com alemães originários de Bremen.

Até a década de 1970, a economia do município dependia principalmente da agricultura, da pecuária e da pesca. A partir dessa época, o município sofreu intenso aumento populacional, e setores como indústria e serviços passaram a ter destaque na economia local.

Atualmente, a indústria responde pela maior parte dos empregos gerados no município, com o comércio em expansão. A agricultura também é representativa. A área rural de Biguaçu, em 1996, era de 14.070ha, distribuídos em 605 estabelecimentos

⁴ Esses cadastros são alimentados com dados coletados pelos Agentes Comunitários de Saúde em visitas periódicas às famílias para atender às exigências do Programa de Saúde da Família, implantado em 1994 pelo Ministério da Saúde.

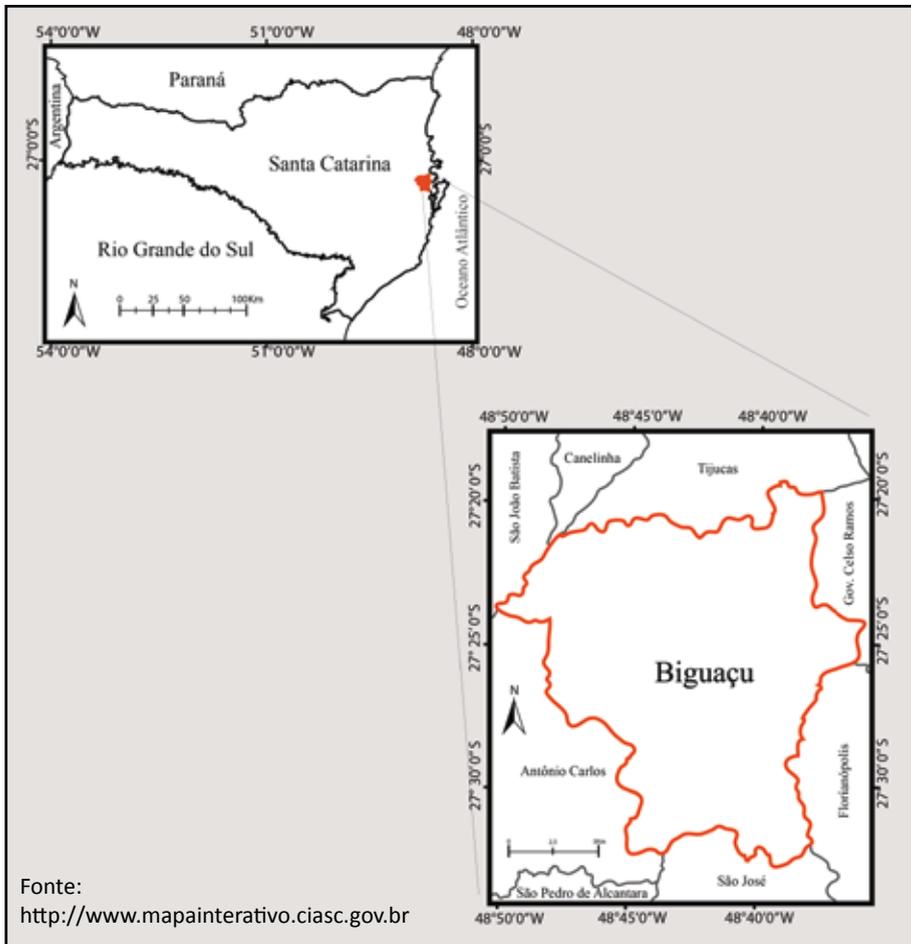


Figura 2. Localização do município de Biguaçu, Santa Catarina

(IBGE, 2008b), e aproximadamente 80% deles têm até 20ha (IBGE, 2008c).

Entre os produtos agrícolas cultivados destacam-se as plantas para jardinagem, em especial a produção de grama e palmeiras, além da produção de raízes e olerícolas para o comércio regional.

Dados do Censo Demográfico de 2000 apontam uma população municipal de 48.077 habitantes, dos quais 42.907 residem no meio urbano e 5.170 no meio rural (IBGE, 2008a).

2.1.2 As localidades da pesquisa

As comunidades em que foi realizada a pesquisa se inserem na localidade

de Três Riachos, cuja ocupação ocorreu a partir de 1816 pelos açorianos Manoel do Coito e Narciso Pereira D'Ávilla, oriundos da Vila de São Miguel/Biguaçu (Soares, 1988). Em 1830 ocorreu uma nova onda de ocupação na região, quando se instalaram no interior do município alemães vindos da colônia de São Pedro de Alcântara. Esse processo de povoamento resultou, nas comunidades investigadas, na existência de uma população multiétnica constituída por descendentes de alemães, açorianos e também de negros africanos.



Figura 3. Vista parcial das localidades de São Marcos (em primeiro plano) e Canudos (ao fundo)

Muitos dos córregos que passam pelas localidades pesquisadas são afluentes do Rio Biguaçu, que no passado foi importante via de escoamento da produção da colônia. Segundo Soares (1988), os principais produtos da economia do município no século 19 eram a farinha de mandioca, o milho, o corte de madeira e a pesca⁵. A produção de farinha de mandioca e de açúcar dos engenhos da região de Três Riachos atendia o mercado local. As técnicas tradicionais de cultivo associadas à exploração da floresta garantiram a existência de um sistema de produção peculiar e a manutenção de uma população em crescimento constante até meados da década de 1960.

⁵ Parte significativa da economia da Província se assentava justamente na exportação de farinha de mandioca e do milho, e mais de 70% do total se destinavam a atender os mercados de Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Províncias do Prata.

Especificamente nas Microbacias de São Mateus e das Fazendas, o meio natural exerce importância social, pois foi a partir dele, da possibilidade de manejá-lo, que se construíram os espaços de produção agrícola e extrativos e a reprodução da pequena agricultura familiar.



Figura 4. Vista parcial das comunidades de São Marcos (arrozeiras, em primeiro plano) e Espanha (morros, ao fundo)

Por outro lado, como essas localidades se situam a aproximadamente 40km de Florianópolis, muitas pessoas que ali residem encontram emprego no centro urbano. Por esse motivo, existe uma visão sobre essas localidades, inclusive de alguns técnicos de órgãos públicos atuantes na região, de que elas seriam apenas localidades-dormitório. Ou seja, pensa-se que as pessoas se dirigem a essas localidades apenas para dormir, exercendo suas atividades produtivas em outros locais.

Contudo, por meio da pesquisa nos cadastros do Programa de Saúde da Família e de conversas com as agentes de saúde, constatou-se que em 39% das famílias a agricultura era a principal atividade econômica para um ou mais membros. Na Tabela 1 apresentam-se alguns dados sobre a inserção da agricultura na vida das famílias. Note-se que em uma das colunas aparece o item “famílias com agricultura declarada”. Está-se referindo às famílias que têm um ou mais membros cuja principal atividade econômica é a agricultura; por isso, a declaram como sua “ocupação” ao Agente Comunitário que as visita.



Figura 5. Vista parcial da comunidade de Fazenda de Dentro

Tabela 1. Número total de famílias nas comunidades e de famílias com agricultura declarada

Comunidade	Famílias cadastradas	Famílias com agricultura declarada	Famílias com agricultura declarada
	Total	Total	%
Fazendas	115	48	42
São Mateus	127	52	41
São Marcos	101	28	28
Espanha/Canudos	59	29	49
Total	402	157	39

Fonte: Cadastros do Programa de Saúde da Família das Unidades de Saúde de Limeira e de Fazenda de Dentro, em Biguaçu, SC, no período de agosto a outubro de 2007

Outro dado interessante diz respeito à idade da população residente naquelas localidades. Na Tabela 2 pode-se constatar que mais de 66% da população nasceu a partir de 1961. Portanto, em 2008 tinham, no máximo, 47 anos.

Tabela 2. Número de habitantes das Microbacias de São Mateus e das Fazendas por década de nascimento e localidade da moradia

Década de nascimento	Fazendas	São Mateus	São Marcos	Espanha/Canudos	Total	%
1901-1910	01	-	-	-	01	0,078
1911-1920	03	04	02	01	10	0,78
1921-1930	09	20	07	04	40	3,14
1931-1940	24	27	19	10	80	6,28
1941-1950	42	44	38	25	149	11,70
1951-1960	45	47	38	17	147	11,54
1961-1970	40	52	49	19	160	12,56
1971-1980	71	59	53	28	211	16,57
1981-1990	70	45	68	22	205	16,10
1991-2000	49	65	58	18	190	14,92
2001-2007	17	25	21	17	80	6,28
Total	371	388	353	161	1.273	100,00

Fonte: Cadastros do Programa de Saúde da Família das Unidades de Saúde de Limeira e de Fazenda de Dentro, em Biguaçu, SC, no período de agosto a outubro de 2007

Para entender como se caracteriza a população que se dedica à agricultura, procuramos detalhar esses dados da forma abaixo. Na Tabela 3 apresentamos os membros das famílias com renda agrícola, nas diversas comunidades investigadas, distribuídos por década de nascimento. Pelos dados apresentados, nota-se que a idade dos membros das famílias com renda agrícola distribui-se de forma semelhante à idade dos membros de modo geral: aproximadamente 59% dos membros das famílias com renda agrícola tinham até 47 anos no momento da pesquisa, em 2007. Quando verificamos a comunidade de modo geral (sem distinção das fontes de renda), a parcela população com até 47 anos representa 66% do total.

Tabela 3. Número de habitantes das Microbacias de São Mateus e das Fazendas em cujas famílias a agricultura aparece como atividade econômica para um ou mais membros, distribuído por década de nascimento e por localidade de moradia

Década	Fazendas	São Mateus	São Marcos	Espanha/Canudos	Total	%
1901-1910	-	-	-	-	-	0,00
1911-1920	01	-	02	-	03	0,58
1921-1930	02	07	03	02	14	2,72
1931-1940	04	08	10	06	28	5,45
1941-1950	18	32	20	16	86	16,76
1951-1960	23	34	12	09	78	15,20
1961-1970	26	28	18	09	81	15,78
1971-1980	26	29	19	08	82	15,98
1981-1990	14	29	21	11	75	14,61
1991-2000	-	30	19	04	53	10,33
2001-2007	-	05	05	03	13	2,53
Total					513	100

Fonte: Cadastros do Programa de Saúde da Família das Unidades de Saúde de Limeira e de Fazenda de Dentro, em Biguaçu, SC, no período de agosto a outubro de 2007.

Para melhor compreender a inserção da agricultura na vida da população, as famílias foram organizadas em **seis categorias**, descritas abaixo.

Tipo 1: Famílias em que os pais são agricultores e os filhos têm outra profissão, ou seja, são famílias em que os filhos, por diferentes motivos, não seguiram a profissão dos pais.

Tipo 2: Famílias em que os pais são agricultores e os demais membros são agricultores, estudantes ou aposentados. Podem ser consideradas famílias monoativas, que só exercem agricultura como atividade econômica.

Tipo 3: Famílias em que um dos membros é “trabalhador rural” (trabalha em atividades agrícolas em terras alheias), enquanto outros membros exercem outras profissões. Em algumas dessas famílias existe a produção para consumo próprio.

Tipo 4: Famílias em que um mesmo membro exerce atividades agrícolas e não agrícolas, ou um dos cônjuges exerce atividade agrícola e o outro, não agrícola, ou seja, a atividade não agrícola está presente entre os cônjuges, sem o abandono da atividade agrícola.

Tipo 5: Famílias sem vínculo com a produção agrícola. Geralmente moram em lotes pequenos de terra.

Tipo 6: Famílias em que a atividade agrícola é exercida para consumo próprio.

A Tabela 4 apresenta, por localidade, as famílias classificadas de acordo com as categorias (tipos) acima referidas.

Tabela 4. Classificação das famílias de acordo com a importância da atividade agrícola

Tipo	Fazendas (nº)	Tipo (%)	São Mateus	Tipo (%)	São Marcos	Tipo (%)	Espanha/ Canudos	Tipo (%)	Total	Total por tipo (%)
1	12	10,43	09	7,08	06	5,94	01	1,69	28	6,96
2	28	24,34	26	20,47	12	11,88	24	40,67	90	22,38
3	12	10,43	03	2,36	11	10,89	05	8,47	31	7,71
4	08	6,95	17	13,38	10	9,90	04	6,77	39	9,70
5	30	26,08	46	36,22	38	37,62	20	33,89	134	33,33
6	25	21,73	26	20,47	24	23,76	05	8,47	80	19,90
Total	115	100,00	127	100,00	101	100,00	59	100,00	402	100,00
T1 + T2 + T4	48	41,73	52	40,94	28	27,72	29	49,15	157	39,05

Fonte: Cadastros do Programa de Saúde da Família das Unidades de Saúde de Limeira e de Fazenda de Dentro, Biguaçu, SC, de agosto a outubro de 2007.

Os Tipos 1, 2 e 4 representam as famílias em que a agricultura aparece como atividade econômica. Foram os dados do quadro acima que nos permitiram concluir, conforme apresentamos anteriormente, que em 39% das famílias a agricultura aparece como atividade econômica.

A importância da agricultura aumenta se considerarmos os “trabalhadores rurais” (Tipo 3), que perfazem 7% das famílias e, embora trabalhando para terceiros, têm na agricultura sua fonte de renda, e também as famílias em que a agricultura persiste na produção de alimentos para consumo próprio (Tipo 6), que perfazem 20% do total de famílias. Esta análise está de acordo com a perspectiva da “multifuncionalidade agrícola”, que, conforme explicam Carneiro & Maluf (2003), amplia o campo das funções sociais atribuídas à agricultura, à qual, além da produção de bens agrícolas, compete conservar os recursos naturais (água, solos, biodiversidade e outros) e o patrimônio natural (paisagens) e zelar pela qualidade dos alimentos. A partir dela, esclarecem os autores, é possível analisar a interação entre famílias agricultoras e territórios na dinâmica de reprodução social. Essa noção permite visualizar a provisão, por parte da agricultura, de bens públicos relacionados com o ambiente e com a segurança alimentar, de forma que pode ser usada no sentido de legitimar formas de produção e fontes de renda relacionadas à provisão dos citados bens públicos e incluir na análise as famílias que, junto à atividade agrícola, exercem outras atividades remuneradas – fato que as deixava fora das análises oficiais.

Além da importância da agricultura para muitas famílias, os dados dos cadastros permitiram a comprovação de um aspecto mencionado em diversas conversas informais: existe na comunidade grande número de famílias que depende direta ou indiretamente da produção de carvão vegetal a partir de lenha extraída da mata nativa.

Na tabela 5 são apresentados alguns números sobre essa atividade.

Tabela 5. Presença da atividade carvoeira nas Microbacias de São Mateus e das Fazendas

Microbacia	Total de famílias	Famílias com agricultura como atividade econômica	Famílias com atividade carvoeira
São Mateus	287	109	33
Fazendas	115	48	17

Fonte: Cadastros do Programa de Saúde da Família das Unidades de Saúde de Limeira e de Fazenda de Dentro, Biguaçu, SC, e entrevista com agentes comunitários de saúde de agosto a outubro de 2007.

Do total das famílias que vivem na **Microbacia de São Mateus**, 11% (33 famílias) desenvolvem alguma atividade direta ou indiretamente relacionada à produção de carvão. Se forem consideradas apenas as famílias em que a agricultura é uma ou a única fonte de renda, verifica-se que a atividade carvoeira é ainda mais importante, pois ela está presente em 30% dessas famílias.

A partir da observação em campo, porém, constata-se que o número de famílias que praticam a atividade carvoeira é maior do que o apresentado. As principais informantes da Microbacia de São Mateus não têm relação direta com a atividade carvoeira, podendo não ter conhecimento do total de famílias que a praticam ou não se sentiram à vontade para identificá-las, já que a atividade é clandestina.

Na **Microbacia das Fazendas** 15% das famílias (17 famílias) desenvolvem alguma atividade direta ou indiretamente relacionada à produção de carvão. Da mesma forma, se forem observadas apenas as famílias em que a atividade agrícola é uma ou a única fonte de renda, verifica-se sua importância ainda maior: 35% das famílias estão envolvidas com a produção do carvão. Cabe ainda salientar que na comunidade da Fazenda de Dentro existe uma empresa legalizada (de um agricultor) que absorve parte do carvão produzido nas localidades.

2.2 Observando e conversando com a comunidade

O conjunto das informações discutidas anteriormente já dava subsídios para montar um roteiro⁶, um guia para a conversa que se faria com representantes da população, escolhidos a partir dos dados dos cadastros. Nesse guia, registraram-se os aspectos sobre os quais se deveria conhecer o ponto de vista das pessoas. O roteiro não é rígido; é um lembrete para ajudar a memória a não esquecer aspectos importantes que podem passar despercebidos ao longo da conversa.

Realizou-se um total de 25 entrevistas, tentando contemplar a diversidade sociocultural apreendida por meio do levantamento anterior, de forma a contemplar os diferentes tipos de famílias encontrados:

- sete com lideranças vinculadas à ADM São Mateus (quatro com renda proveniente da agricultura e três de outras atividades);
- cinco com lideranças vinculadas à ADM Fazendas (três com renda

⁶ No Anexo 1 está o roteiro utilizado nas entrevistas.

proveniente da agricultura e duas de outras atividades);

- uma com jovem agricultor da Microbacia das Fazendas;
- duas com jovens agricultores de Canudos (Microbacia São Mateus);
- uma com trabalhador rural da Microbacia de São Mateus;
- sete com agricultores da Microbacia de São Mateus;
- duas com agricultores da Microbacia das Fazendas.

Dessa forma, o critério de amostragem não foi numérico. Seguindo os pressupostos da pesquisa qualitativa, abordaram-se representantes da diversidade sociocultural identificada, de forma que foi possível a compreensão das múltiplas dimensões da situação estudada. Não nos interessava o somatório de respostas, mas sim a complementaridade que apresentavam entre si.

O conteúdo das entrevistas foi anotado em um caderno. Cabe ressaltar que sempre foi perguntado aos entrevistados se permitiam que a conversa fosse registrada. Além disso, sempre se deixou claro que sua identidade não seria revelada nos documentos ou relatórios que viessem a ser elaborados, nem mesmo a outros membros da comunidade.

Também se participou de encontros promovidos pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Biguaçu, pela Epagri, e de reunião organizada pelos próprios agricultores para tratar de questões relativas à produção de carvão. Participou-se de celebração religiosa, de jantares e lanches com as famílias, que sempre foram muito receptivas. Acompanhou-se, sob chuva, o processo de enchimento de um forno de carvão e, em outro estabelecimento rural, o processo de transporte da lenha nativa até o forno.



Figura 6. Contato com agricultores na roça

Em todos esses momentos de interação com a comunidade, tinha-se a intenção de compreendê-la melhor e, sobretudo, compreender como a comunidade enxergava as situações que vivenciava.



Figura 7. Conhecendo as instalações de um engenho de farinha

A partir desses momentos de integração com a comunidade, das entrevistas feitas e das observações em campo, foi-se montando uma imagem de como as comunidades vivem e se organizam. A seguir, apresenta-se uma descrição de aspectos importantes da realidade das comunidades investigadas para que o leitor possa, mais adiante, compreender a análise das situações significativas ali encontradas.

2.2.1 A memória sobre as antigas formas de manejo

Em primeiro lugar, quer-se apresentar, a partir da memória das pessoas entrevistadas, o sistema produtivo praticado por grande número de agricultores nas áreas de morro, que necessitava do conhecimento das condições ecológicas locais, sobretudo da floresta, que, em síntese, era: derrubar parte da vegetação nativa, queimar, recolher a lenha e introduzir a cultura desejada.

Aqui cabe abrir um parêntese para observar que não foram percebidas diferenças no manejo da terra em função de diferenças étnicas. De modo geral, todas as áreas de encosta eram utilizadas nesse sistema para o plantio de mandioca e cana-de-açúcar, destinadas a atender à produção dos engenhos. Nas palavras de uma liderança da Fazenda de Dentro, “Aqui todo mundo fazia farinha, tinha engenho”.

Nas áreas íngremes também se cultivava banana, porém mais próximo às grotas, onde os solos são úmidos. O excedente era comercializado, assim como outras frutas.

A cana-de-açúcar visava atender tanto à produção de açúcar nos engenhos como ao consumo dos animais. Culturas como o feijão, o café e o milho eram plantadas em terrenos mais férteis, destinadas ao consumo familiar e comercializados quando excedentes.



Figura 8. Bananal no morro (à direita), na localidade de Canudos

Meu pai criou os filhos com lavoura no morro... Nós comíamos fruta, não precisava muita comida na mesa... Nós roçávamos a floresta, derrubávamos árvores quinze, vinte dias. Queimava, rolava lenha, plantava aipim, esperava 2 anos... (*Durante*) quatro anos nós usávamos a terra, com aipim, feijão, milho... Quando nós estávamos tirando a última lavoura, deixava ou plantava o ingazeiro e a bracatinga no meio do aipim... Algumas árvores vinham no rebento... Deixava a terra descansando 15 anos. (trabalhador rural, São Marcos)

Através desse sistema de manejo era possível explorar áreas agrícolas, respeitando o “descanso” (pousio) necessário para a recuperação da fertilidade do solo.

A terra precisava descansar porque antes a gente não tinha adubo. (agricultora/liderança, Canudos)

Quando trabalhava só na roça, plantava ingá para cobrir a terra, para ficar forte. A terra não precisava estrume e ainda usava lenha. (agricultor/carvoeiro, São Mateus)



Figura 9. Mandioca cultivada no sistema de roça de toco, na localidade Espanha

Assim, o sistema de pousio se mostrava bastante vantajoso para os agricultores, pois além de recuperar a fertilidade do solo, possibilitava a utilização da lenha.

Roçava com foice, derrubava a machado, queimava, tirava lenha, plantava aipim... Quando chegava a última capina, não tirava mais árvores da capoeira; usava muda de bracatinga, ingá e colocava nos lugares que não tinham.” (agricultora, São Marcos)

Apesar de a prática de queimada ser condenável do ponto de vista conservacionista, o processo produtivo com períodos de pousio resultava num sistema de produção tradicional que parecia respeitar “o tempo da natureza”. Conforme relato de uma das entrevistadas, o processo produtivo seguia as seguintes etapas:

Agosto derrubava a mata, setembro queimava, recolhia e limpava, fazia uma fogueira do que sobrava e plantava a roça... Tirava semente do ingá e da bracatinga

para plantar mato de novo.” (agricultora, Canudos)

A fala acima também ilustra um fato que chamou a atenção durante a pesquisa: agricultores tinham como prática “plantar a floresta”. Essa prática era realizada principalmente por famílias das localidades de Espanha, São Mateus, São Marcos e Canudos, mas também por alguns agricultores das Fazendas.

Após determinado período de uso, quando a terra estava “cansada”, os agricultores deixavam rebrotar a bracatinga e o ingazeiro entre a cultura do aipim e, em algumas áreas, também o espinheiro. Nas áreas utilizadas de forma intensa era realizado o plantio dessas espécies. Essa prática objetivava acelerar o processo de regeneração natural e garantir a lenha necessária para o consumo na propriedade.

No inverno nós plantávamos mudas de árvore, que no inverno pega... Plantava ingá, pé-de-silva, arrancava da várzea e levava pro morro, aí não se perdia... A bracatinga (é plantada) há mais de cinquenta anos. (agricultor, São Marcos)



Figura 10. Bracatingas (*Mimosa scabrella* Bentham) na localidade de Espanha

É importante observar que as espécies citadas pelos agricultores, como o pé-de-silva, ou espinheiro (*Mimosa bimucronata* De Candolle Otto), a bracatinga (*Mimosa scabrella* Bentham) e o ingazeiro (*Inga sessilis* Vellozo Martius), são espécies leguminosas, recomendadas para a recuperação de ecossistemas degradados, para conservação e recuperação de solos e controle de processos erosivos, bem como apresentam potencial energético para a produção de carvão e lenha de boa qualidade. Esse aspecto também é percebido pelos agricultores:

A bracatinga melhora o solo? (Carolina e Cíntia)

Melhora! Uh! E a lenha, que beleza que é! (agricultor, São Marcos)

Cabe salientar que um dos grandes estudiosos das espécies florestais brasileiras, Paulo Ernani Ramalho Carvalho, registrou em um de seus livros (Carvalho, 1994), especificamente, o sistema produtivo realizado no interior de Biguaçu que associa o plantio da bracatinga com a mandioca como um “sistema agroflorestal” realizado há mais de 54 anos.

Esse fato demonstra a importância de conhecer os sistemas de manejo (com espécies locais) ainda existentes, a fim de não negligenciá-los, pois só a partir de sua análise poderemos constatar se são ou não sustentáveis.

2.2.2. As transformações regionais e locais

A partir da década de 1960, várias mudanças se processaram em nível regional, como a construção da BR-101, a instalação da Central de Abastecimento de Santa Catarina (Ceasa/SC) e o crescimento da malha urbana de Florianópolis. O crescimento de municípios da região metropolitana, como Palhoça, São José e Biguaçu, ocorreu posteriormente, exercendo forte atrativo para a população em busca de melhores oportunidades de vida.

Analisando-se os dados apresentados na Figura 11, percebe-se que na década de 1970 se inicia uma redução acentuada da população rural de Biguaçu, que só se estabiliza na década de 1980, com aproximadamente 5.380 pessoas. Como consequência, em 20 anos, de 1960 a 1980, 10 mil moradores de áreas rurais do interior do município de Biguaçu mudaram-se para outras áreas⁷.

Muitas famílias se mudaram para áreas mais próximas ao perímetro urbano. Porém, as maiores alterações no espaço local aconteceram nas áreas de morros.

Antigamente esses morros eram tudo trabalhado... eram tudo cheio de casa, vieram para baixo, alguns foram para a cidade. Aqui era uma cidade, uma loucura de gente. (trabalhador rural, São Marcos)

Em alguns lugares mais isolados, sem linhas de ônibus, denominados “Cantos”, a saída das famílias ocorreu de forma mais intensa, a exemplo o Canto dos Schmitz, na Comunidade de Fazenda de Dentro.

⁷ É necessário considerar que na década de 1960 foram criados os municípios de Antônio Carlos e Governador Celso Ramos, que antes faziam parte de Biguaçu. A emancipação desses municípios influenciou também na redução da população rural de Biguaçu, pois os habitantes rurais que viviam nas áreas emancipadas passaram a ser contabilizados como população dos novos municípios.

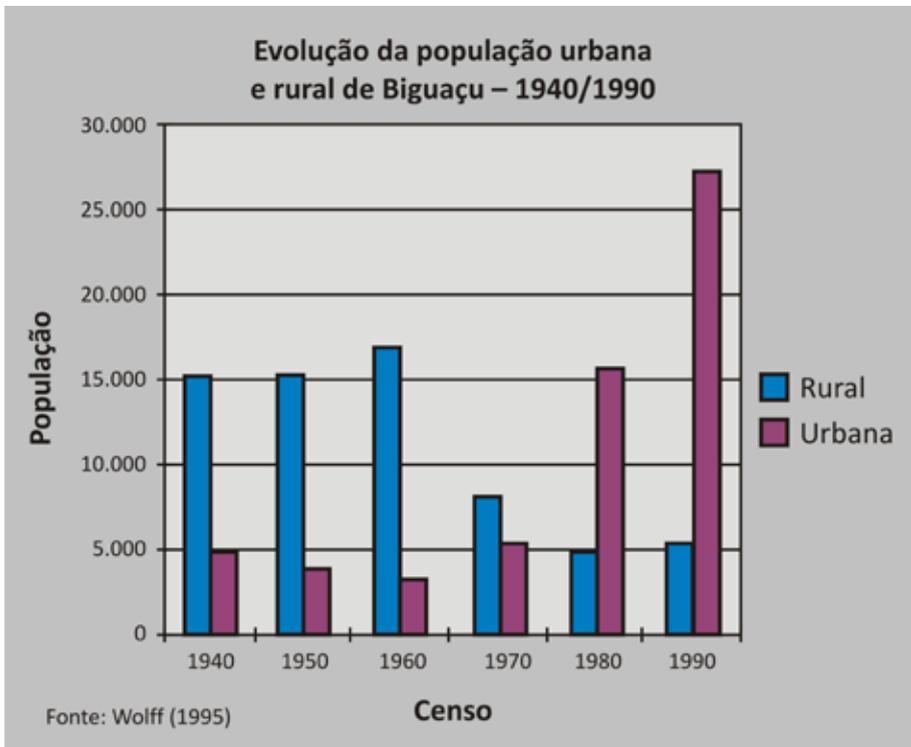


Figura 11. População rural de Biguaçu segundo censos demográficos de várias décadas, realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Aqui (no Canto dos Schmitz) tinha uns trinta moradores até a década de sessenta... Era só capim-melado... (agricultor familiar, Fazenda de Dentro)

Outro fator que contribuiu para a reorganização do espaço local foi o processo de modernização da agricultura, pois o uso de máquinas possibilitou drenar locais naturalmente alagados e, conseqüentemente, viabilizar a atividade agrícola nessas áreas. Até então, a agricultura era praticada quase que exclusivamente nos morros.

Antigamente a várzea não tinha valor; era brejo e espinharal... Naquele tempo, a várzea cheia durava sete dias. (agricultora, São Marcos)

A Figura 12 representa uma dessas áreas drenadas, em que atualmente se cultiva o que os agricultores chamam genericamente de “verduras”: pepino, pimentão, taiá, batata-doce, beterraba, etc.



Figura 12. Área plana cultivada na localidade de Canudos. No centro da imagem se percebe a vala de drenagem

Como ilustra a Figura 13, geralmente a terra é revolvida com enxada rotativa, são usados adubos industrializados e o controle das plantas espontâneas, das pragas e doenças, é feito à base de agrotóxicos. Alguns agricultores entrevistados possuem maquinário próprio, outros conseguem máquinas com a prefeitura para fazer o preparo do solo.

Outro aspecto que contribuiu para alterar a organização dos espaços locais é a especulação imobiliária. Nas últimas décadas, aumentou nas localidades o número de moradores novos que adquirem um pequeno lote de terra e, na maioria das vezes, têm emprego urbano. Muitos estabelecimentos rurais foram vendidos e transformados em sítios de lazer.

Muita gente foi embora, tem muito sitiante. (jovem agricultor, Canudos)

O que mais tem para cá é sítio, sitiante. (agricultora/rizicultora, Fazendas)

A especulação imobiliária também dificulta a compra de terras por agricultores e jovens que desejam permanecer na atividade agrícola:

Lá embaixo (propriedades localizadas em áreas planas) caiu na mão do rico; quem é do mato não adianta ir lá para baixo. (agricultor/carvoeiro, São Mateus)



Figura 13. Agricultor preparando a terra para o plantio, na localidade de Canudos

2.2.3 O desestímulo

Um dos principais descontentamentos manifestados nas entrevistas diz respeito ao baixo retorno econômico obtido pela venda dos produtos agrícolas, geralmente feita por meio de intermediários. Para a comercialização, os produtos são acondicionados em caixas e entregues aos intermediários, que passam regularmente para buscar a produção e levá-la à Ceasa.

A banana, cultivada nos morros à maneira tradicional, sem agrotóxicos, também é vendida aos intermediários. Muitas vezes é colhida “a meia”: o próprio intermediário colhe as bananas que vai comprar e paga apenas a metade para o produtor. Nas Figuras 14 e 15 estão registrados produtos em caixas para ser entregues ao intermediário.

À época da pesquisa, a banana era vendida a R\$3,00 a arroba. Muitos agricultores abandonam os bananais e preferem “deixar para os passarinhos a vender por esse preço”. Resumidamente, essa afirmação do agricultor deve-se ao fato de o preço recebido pela banana não cobrir os custos de colheita. Para os demais produtos, além de o preço ser ditado pelo mercado, o uso de insumos externos ao estabelecimento torna a produção ainda mais difícil.

A batata doce estava R\$20,00 a caixa. Nós começamos a vender por R\$15,00,



Figura 14. Banana em caixas para ser entregue ao intermediário

e quando terminamos já estava a R\$5,00 a caixa. (agricultora/carvoeira, Espanha)

Maracujá: a caixa era R\$40,00; hoje é R\$10,00. (agricultora/liderança, Fazendas)

As exigências dos consumidores também impõem suas restrições aos agricultores:

O aipim do morro é torto. Para vender aipim em caixa tem de ser aipim de várzea, que é mais reto. Eu tenho aipim arrancado, ninguém quer comprar. (agricultor familiar, São Mateus)

Essas dificuldades de comercialização revelam que a proximidade dos centros urbanos não significa necessariamente facilidade de venda nem preço justo. Além disso, verifica-se uma sutil relação de dependência. Muitos intermediários são vizinhos e amigos. Às vezes, tenta-se romper essa relação:

Meus filhos querem vender sua produção na Ceasa. Vendem pro atravessador e aí o lucro deles fica ali. (agricultora familiar, Canudos)

Por outro lado, existem os que estão satisfeitos:

Ou tu bem vendes, ou tu bem plantas. (jovem agricultor, Canudos)

Assim, percebe-se que o processo de modernização não provocou apenas alterações espaciais; terras antes não usadas foram drenadas e passaram a ser usadas. Alterou também os processos produtivos, uma vez que passou a atrelar a



Figura 15. Batata-doce e mandioca em caixas para entregar ao intermediário

produção agrícola ao uso de insumos externos ao estabelecimento rural.

(Sobre a manutenção da propriedade) *Muita despesa... Tem que comprar ração, remédio, veneno.* (agricultora/carvoeira, Fazenda de Dentro)

O relato acima é de uma jovem agricultora e evidencia a outra face do processo de modernização da agricultura, que elevou o custo de produção. Essa situação gerou e gera dificuldades aos agricultores, que têm que conciliar os custos de produção com renda suficiente para a reprodução da família na propriedade.

Outros aspectos que trazem desestímulo à produção agrícola, sobretudo àquela nos moldes tradicionais, e contribuem para a descapitalização dos agricultores estão relacionados à adequação das pequenas propriedades às leis ambientais e sanitárias.

Vinte anos atrás, tinha quarenta farinheiros. Hoje tem três, (porque) hoje tem que ter embalagem. (agricultor familiar, São Mateus)

Agora tá difícil trabalhar na roça. Agora o engenho tem que ser todo de azulejo, o forno é de cobre, os equipamentos não podem ser de pau... Tem que pôr roupa e máscara. Tem que ter fossa... (agricultora/carvoeira, Espanha)

Fazer açúcar é difícil por causa da fiscalização. (agricultor/carvoeiro, São Mateus)

As situações acima mencionadas desencadearam mudanças na relação de muitos habitantes locais com o ambiente, influenciando e reduzindo o vínculo da população com a produção agrícola. A proximidade com o urbano fez com que muitos agricultores descapitalizados e seus filhos buscassem melhores condições de vida na cidade, atraídos pela oferta de serviços e empregos, uma vez que os níveis de renda no meio rural eram e são baixos.

(...) forte é trabalhar fora, as mulheres como doméstica, faxina, ou na granja. Os homens por dia a R\$40,00... Trinta e oito daqui [de São Marcos e Espanha] trabalham na granja. (jovem moradora, São Marcos)

A baixa escolaridade e a idade também foram argumentos usados por muitos agricultores para justificar a permanência dos adultos na propriedade, pois acreditam que nessas circunstâncias não teriam condições de sobreviver em um centro urbano.

Eu nasci nessa, eu também não tive estudo, daí sair como? (agricultor familiar, Canudos)

Muitos pais insatisfeitos com a agricultura, ou mesmo sem condições de comprar terras para seus filhos, estimulam-nos a buscar uma vida melhor fora do meio rural. Hoje, diferentemente de outros tempos, os pais não impedem mais os filhos de sair do campo.

Todo pai de quarenta anos reclama dos filhos... Mas quem trabalha na roça vê o que os pais passam... Eles não querem isso para eles. (agricultor/carvoeiro, Espanha)

O relato desse jovem pai remete a uma das principais causas do êxodo rural: as dificuldades econômicas dos agricultores e a falta de políticas públicas eficazes para assegurar o futuro dos jovens no campo. É interessante observar que a questão ambiental foi mencionada por muitos entrevistados como um dos maiores problemas que afetam a economia local e que contribuem para que muitos agricultores busquem alternativas de renda fora da área rural.

Não plantam mais no morro por causa do Ibama. Meu filho podia estar comigo, tem uma porção de lenha para fazer carvão. (agricultora familiar, São Marcos)

Meu irmão vai cuidar da pecuária. O que sobraria aqui seria o carvão. Ele veio, eu saí. (jovem agricultor, Fazendas)

Os sistemas produtivos que associam a produção da mandioca à atividade carvoeira são práticas tradicionais ainda desenvolvidas por agricultores que têm “terrenos de morro”, que em geral sofrem com a legislação que proíbe o corte da Floresta Atlântica⁸.

Do jeito que eles querem, o mato cresce dentro de casa. (agricultor/carvoeiro, São Mateus)

Para os agricultores, a importância desse sistema é tamanha que muitos responsabilizam a legislação ambiental e órgãos como o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e a Polícia Ambiental pela inviabilização das atividades agrícolas na pequena propriedade familiar e pelo

⁸ Refere-se, sobretudo, ao artigo 1º do Decreto 750, de 1993, que proíbe o corte raso dos remanescentes florestais em estádios médio e avançado de regeneração.

fracasso de alguns agricultores.

A lenha e o carvão, além de serem como uma espécie de reserva monetária para alguns agricultores em momentos de dificuldade, ou mesmo uma possibilidade de renda constante em outros casos, possibilitaram a manutenção e a reprodução da agricultura familiar através de um sistema produtivo tradicional, em que o manejo e o uso de espécies da floresta são fundamentais. Recorrendo ao saber tradicional, os agricultores manejavam a floresta, deixando-a em pousio até que as árvores fornecessem lenha considerada de bom tamanho e qualidade para uso nos engenhos:

Quando eu vim morar aqui era só capim-melado, não tinha lenha pra cozinhar um feijão... Hoje a gente tem lenha com a graça de Deus, e quase não podemos mais cortar. E foi a gente que plantou. Três anos usava (áreas para cultivo das lavouras) e depois plantava a capoeira dentro da roça. Plantei ingá-feijão até mais ou menos 1975. (agricultora familiar, São Marcos)

Deixava o mato até o ponto de dar lenha: da farinha, era fina; do açúcar, mais grossa. (agricultor familiar, Fazendas)

Conforme relatos dos entrevistados, a lenha era comercializada em Biguaçu e em municípios vizinhos, principalmente para uso em fornos das padarias e olarias.

2.2.4 A atividade carvoeira

Como a produção de carvão vegetal se revelou importante para as comunidades pesquisadas, reservou-se um tópico sobre a atividade de modo que o leitor possa conhecê-la com mais detalhes. Inicialmente, faz-se uma descrição da produção; em seguida, apresentam-se elementos para que o leitor também possa participar da análise da situação dos agricultores que também são carvoeiros.

Foi possível identificar duas técnicas utilizadas pelos agricultores/carvoeiros. Na primeira, bastante rudimentar, a queima era feita no chão sem qualquer tipo de estrutura física. Esse processo de produção rudimentar, denominado “balão”, foi descrito assim por um dos entrevistados:

Juntava a madeira e colocava em pé em um buraco no chão, apoiadas uma nas outras, tapava com a folha de xaxim e em seguida colocava a terra que servia para abafar. Por último, ateavam fogo em um determinado ponto. (agricultor familiar/carvoeiro, São Mateus)

Durante a fase de queima da lenha (no balão), tinha-se que ficar cuidando dia e noite para que a lenha não fosse totalmente transformada em cinzas.

Na segunda técnica de produção de carvão, utiliza-se um forno (Figura 16), que atualmente é encontrado nos estabelecimentos das localidades investigadas. O grande número de fornos, tanto na Microbacia das Fazendas como na de São Mateus, indica a importância da atividade carvoeira para as propriedades.



Figura 16. Forno para produção de carvão na localidade de São Mateus

Segundo uma agricultora/carvoeira, o processo completo de produção do carvão no forno leva aproximadamente dez dias e envolve as seguintes etapas: cortar a lenha, acomodar a lenha dentro do forno, tampar o forno, atear fogo, fechar o forno por completo.

A partir do momento em que é colocado fogo no forno, o processo de queima da lenha dura no mínimo três dias. Nessa etapa é necessário ficar cuidando para que o carvão não passe do ponto e a lenha não seja totalmente transformada em cinzas. Terminada essa etapa, são abertos alguns buracos para o resfriamento do forno, que dura em torno de quatro dias. Assim que o forno esfria, o carvão é retirado e colocado em sacas. Em geral, o tipo de saca utilizado é o de *nylon* ou embalagem de cimento reutilizadas.

Segundo um entrevistado, a cada fornada em um forno com de 8m³ os agricultores recebiam do intermediário, à época da pesquisa, o valor bruto de R\$200,00 a R\$300,00, dependendo da quantidade de carvão produzido, que varia conforme o processo de queima.

Muitos agricultores visualizam na produção de carvão a única alternativa de renda:

Falta algo que melhore a renda. O pessoal só quer trabalhar com carvão. (liderança, São Mateus)

É a única coisa que dá um pouco de dinheiro. (agricultora/liderança, Canudos)

Em alguns casos, o carvão passou de renda secundária a principal, sobretudo para agricultores descapitalizados, cujas áreas se encontram em terrenos declivosos e, na maioria, sem acesso aos serviços de extensão rural:

Se tirar o carvão daqui, todo o mundo vai embora. (agricultor/carvoeiro, Espanha)

O mais forte aqui é o carvão, pois as áreas são muito onduladas. Por isso, a mandioca e o carvão. (liderança, São Mateus)

O carvão é bem forte (nas três comunidades). Mas não se vê; vem caminhão buscar de madrugada. (liderança, Espanha)

O impedimento legal para a realização das antigas formas de manejo da floresta (sistema de pousio, roça de toco e plantio de espécies nativas) e para a retirada da lenha, produção e comercialização do carvão, associado à intensa fiscalização e autuação por parte dos órgãos ambientais, coloca muitos agricultores em uma situação de ilegalidade e clandestinidade, gerando baixa autoestima e conflitos entre moradores dessas áreas.

Esses que moram em lote veem os fornos do carvão e ligam para o Ibama. Não sabem da vida dos agricultores, do trabalho que têm, da história. (agricultor familiar, Espanha)

As famílias que praticam agricultura nas áreas de floresta acreditam que são os moradores oriundos de outros locais/municípios (e que não são agricultores), sobretudo os donos de sítios de lazer, que fazem as denúncias aos órgãos ambientais.

A condição de clandestinidade da produção do carvão também parece criar uma relação de dependência entre os agricultores e os proprietários de empresas legalizadas para a comercialização do carvão, que compram a produção clandestina e, por isso, determinam o preço a ser pago.

Existe uma fábrica de carvão legalizada na comunidade, que absorve a produção local. (agricultora/carvoeira, Fazenda de Dentro)

Segundo alguns entrevistados, os próprios donos das empresas de carvão têm interesse na ilegalidade, pois dessa forma eles controlam o mercado e têm o poder de barganhar, uma vez que muitos dos carvoeiros dependem dessas empresas para “esquentar”⁹ e comercializar sua produção. Assim, a ilegalidade faz com que o agricultor atue de forma passiva no processo de comercialização. São poucos os que conseguem comercializar diretamente.

Tem uma meia dúzia que vende direto em bar fuleiro. Mercado pega registrado, tem uns que embalam, tem outros que “esquentam”, tem nota e embalagem registrada. Eles (os agricultores/carvoeiros) dão o preço. Ganham R\$3,00... Deveriam ganhar R\$5,00. (agricultor/carvoeiro, São Mateus)

Os registrados denunciam os carvoeiros. (agricultor/carvoeiro, São Mateus)

⁹ O termo “esquentar” refere-se ao processo de embalagem e comercialização, pelas empresas legalizadas, do carvão produzido ilegalmente pelos agricultores.

O único que incomoda é... o que está legalizado. (moradora, São Marcos)
(Com) Carvão embalado não precisa se preocupar. (agricultor/carvoeiro, São Mateus)

É um esquema meio no escuro para não ser prejudicado. E eles também dão graças a Deus que alguém pega a produção. (agricultora/liderança, Canudos)

Se, por um lado, a submissão “aos donos das firmas” é vista como um mal necessário, é nítido o descontentamento gerado por essa situação. Além de todos esses aspectos, o trabalho com o carvão é extremamente insalubre e exige muito esforço físico. Segundo Brito (1996), as etapas do trabalho relacionadas ao carvão exigem dos trabalhadores, além da força muscular, inteligência e afetividade, pois eles vivem em constante ajustamento de sua capacidade cognitiva, mesmo executando tarefas rotineiras. A força muscular traduzida em esforço físico reflete um modo específico de desgastar-se, incluindo saúde mental e estresse ocupacional.

A partir das falas dos agricultores/carvoeiros é possível identificar aspectos referentes à insalubridade e relacioná-los às diferentes etapas do processo de produção do carvão:

- Desmatar e carregar o forno são etapas que exigem esforço físico e manuseio de utensílios pesados e perigosos (machado, motosserra):

Muitas pessoas tomam Voltaren¹⁰ para dor nas costas por causa do serviço deles. (técnica em enfermagem)

- No processo de queima da lenha os carvoeiros estão expostos ao calor (do forno) e às intempéries (frio, chuva, vento, etc.), além da fumaça:

Carvão faz muito mal. Não quero isso pro meu filho. O tempo todo com muita poeira, quente-frio. (agricultora/carvoeira, Fazenda de Dentro)

Carvão dá uma tosse! (agricultor/carvoeiro, São Mateus)

Fumaça do carvão é ruim para a população e para quem tira o carvão. (agricultora, São Mateus)

- Na etapa de descarregar o forno, além do esforço físico, os carvoeiros ficam expostos à poeira do carvão:

A atividade que afeta a saúde é o carvão, o peso... Pior coisa é descarregar... Coloca-se o carvão em sacos de cimento. (jovem agricultor, Fazendas)

- Na última etapa, que compreende o processo de embalagem, os carvoeiros ficam expostos à poeira do carvão e ao pó do saco do cimento (muito utilizado pelos agricultores entrevistados):

Descarrega um forno de carvão, daqui a três dias tá cuspiendo carvão... Carvão não é saúde para ninguém. O pó do cimento mata mais que o do carvão. (agricultor/carvoeiro, São Mateus)

A essas condições físicas desfavoráveis se soma o estresse resultante da tensão emocional a que a absoluta maioria dos agricultores/carvoeiros se submete:

Quando vem fiscalização, nos escondemos. (agricultor/carvoeiro, São Mateus)

¹⁰ Medicamento à base de diclofenaco sódico, antirreumático, anti-inflamatório e analgésico, muito conhecido na localidade e utilizado para controlar dores lombares.

É como se trabalhasse com roubo. (agricultora, Fazenda de Dentro)

Além das consequências diretas aos agricultores, a condição de ilegalidade tem contribuído para a substituição dos cultivos tradicionais pelo plantio do eucalipto.

Essa que eu derrubei agora tinha ingazeiro, duas sementes em cada cova. Eu plantei eucalipto na terra molhada amarela e solta. (agricultor familiar, São Mateus)

Roça de pousio é a lógica de antigamente. Daí nós temos que fazer plano de corte. Nativas não se mexe num pau. A roça é sofrida, o carvão não é esperança de todo mundo; tá todo mundo enchendo de eucalipto porque não pode mexer... (agricultor/carvoeiro, São Mateus)

Uma carrada de caeté para boi (alimentação) não pode cortar, o Ibama proíbe! Errado! Liberaram o eucalipto que suga muita água; oito eucaliptos ressecam um vargado. (agricultor familiar, São Mateus)

Sou contra o eucalipto, mas não sou radical. É uma fonte de renda muito lucrativa. É melhor que deixar a terra descoberta. (jovem agricultor, Fazendas)

Do ponto de vista da preservação do saber local, a expansão do cultivo de eucalipto se torna nociva, pois substitui áreas agrícolas e inviabiliza formas tradicionais de manejo da floresta historicamente adotadas e peculiares dessa região pelo plantio de uma única espécie.

Derrubar bracatinga, plantar milho e feijão, depois aipim, depois posso até plantar eucalipto no meio... pela facilidade do comércio. (agricultor familiar, Canudos)

O governo do Estado fechou os olhos pro desmatamento. Incentiva plantio de eucalipto em áreas degradadas. (liderança, Espanha).

Muitos estão plantando eucalipto para ter um dinheiro extra. (liderança, São Mateus)

Eu quero fazer mil a 2 mil pés de eucalipto, mas não tenho gosto. Quem tá plantando eucalipto vai deixar pros filhos brigarem. (agricultor/carvoeiro, São Mateus)

A análise do contexto que envolve a produção do carvão revela que as condições atuais exigem mudanças não apenas no processo produtivo propriamente dito, mas em todas as etapas relacionadas à cadeia produtiva, desde o local e as espécies utilizadas para a produção energética até a etapa de comercialização.

Eles (os agricultores) sabem que existe a lei. Esses caras da ambiental tinham que educar o pessoal da roça, tem que mudar a cabeça das pessoas, educar os colonos. Eles só vêm fazer reuniões para dizer que não pode. (agricultor/carvoeiro, São Mateus)

Isso a gente tá querendo fazer (legalizar). Temos que registrar motosserra, forno e a reserva. (agricultor/carvoeiro, São Mateus)

Esta última fala se refere a uma mobilização espontânea de mais de 40 agricultores junto à Prefeitura para tentar a legalização de sua atividade. Teve-se a oportunidade de presenciar uma reunião desse grupo com técnicos da municipalidade para a legalização de motosserras e fornos, etapas necessárias para a regularização ambiental da atividade, que, em Santa Catarina, pode ser requerida junto à Fundação do Meio Ambiente (Fatma) ou junto a órgãos ambientais municipais para o caso de municípios conveniados com a referida Fundação. Não se discutia, porém, o manejo

das áreas florestadas. Após meses de discussão, o processo foi abandonado, e os agricultores continuam na clandestinidade.

O abandono das formas antigas de produção, a clandestinidade e falta de novas alternativas para gerar renda de forma sustentável são percebidas por alguns agricultores como resultado da ausência de mecanismos de apoio para a utilização e o manejo com espécies nativas.

Os caras do Ibama 'tão' em cima. Se eu não derrubar, como é que eu vou fazer roça? O negócio nosso (atividade do carvão) é que nós precisamos da ajuda de vocês. (agricultor/carvoeiro, São Mateus)

Hoje não se pode mais derrubar. Os órgãos competentes 'tinham' que dar uma opção. (jovem agricultora/carvoeira, Fazenda de Dentro)

Eu tenho outra ideia. Aí eu tinha que conversar com a Fatma. Queria plantar bromélia pra vender. Eu ia usar só a trilha. Isso é uma solução, e o Microbacias devia ajudar a gente. (agricultor/carvoeiro, São Mateus)

A vontade de fazer algum experimento com manejo da floresta foi manifestada por agricultores das duas Microbacias. Entre as espécies citadas com possibilidades para o manejo estão a “canela-branca crescedeira”, muito apreciada por um agricultor/carvoeiro de São Mateus; o palmito (*Euterpe edulis*), referido por dois agricultores/carvoeiros, um da localidade de Espanha e outro das Fazendas; e ainda a produção de bromélias, por parte de um agricultor/carvoeiro de São Mateus.

2.2.5 A percepção sobre as mudanças ocorridas no processo produtivo

As mudanças no processo produtivo já têm consequências percebidas pelos agricultores. Neste tópico vamos resgatar o que foi destaque nas conversas, sobretudo a respeito de dois aspectos: quantidade e qualidade de água e uso de agrotóxicos.

Do ponto de vista de alguns entrevistados, a diminuição do volume dos cursos d'água e o desaparecimento de algumas nascentes estão relacionados ao plantio de eucalipto em lugares inadequados.

As águas de 20 anos para cá diminuíram muito. Houve dragagem no rio, que enxugou muito as vargens, mas as águas não diminuíram por isso. As águas dentro do rio diminuíram porque as nascentes estão secas. Tem muito eucalipto por cima. (agricultor, Canudos)

Antigamente esses morros eram tudo trabalhado e tinha água. Só que não se derrubava ao redor de uma bacia¹¹. Há cinco anos não tem mais água do morro. Em cima tem plantio de eucalipto. (trabalhador rural, São Marcos)

Existe também a percepção de que a drenagem das áreas de planície causou alterações na disponibilidade de água:

Chovia bem mais. [Antigamente] O rio era estreito. Hoje os rios estão alargados, dragados. É mais rápido (o escoamento). (agricultor familiar, São Mateus)

¹¹ “Bacia” é um termo usado pelos agricultores para se referir a algumas áreas em topos de morro semelhantes a nascentes, que represam água por longos períodos, mas que não formam cursos d'água.

Foi ressaltado que se utiliza grande quantidade de produtos químicos no plantio do arroz e na produção de olerícolas. Por outro lado, esses produtos também são utilizados de forma generalizada pela população local nos lotes e sítios de lazer e pelo próprio poder público na limpeza das estradas.

Este agricultor, por exemplo, menciona o uso de herbicida pelo vizinho para controle de ervas espontâneas no pasto, mesmo próximo das fontes de água:

A caixa d'água tá no terreno do vizinho, que é do centro de Biguaçu, e desmatou até lá em cima, colocou pasto e passava Tordon... Aí ele trazia água da cidade pra tomar. (agricultora familiar, Canudos)

Esta fala ilustra como alguns informantes são conscientes da má qualidade de água e de como a relacionam a algumas causas: esgoto doméstico e agricultura intensiva:

O que é da casa corre prá dentro do riozinho. Antigamente tinha peixinho; agora, não, por causa dos agrotóxicos, das valas que são abertas... (agricultor familiar, Espanha)

Tudo que é morto, sujeira, é jogado dentro do rio. (trabalhador rural, São Marcos)

Todos pegam água do rio; eles acham que é limpa. (liderança, Espanha)

A preocupação em relação ao uso de agrotóxicos e suas consequências para a saúde humana é presente, sobretudo no depoimento das mulheres:

(Os homens] Não querem admitir que (veneno) faz mal. O que tá dando problema é o veneno. O pessoal morre e não sabe do quê... É do veneno. (moradora local/técnica em enfermagem, São Marcos)

Apesar de muitos agricultores evidenciarem preocupações com relação à água que estão consumindo, muitos não têm noção dos perigos da contaminação e dos cuidados necessários para evitar tal situação.

Nunca passei veneno com máscara e bota... Todos que plantam arroz usam veneno sem cuidado. (agricultor/rizicultor, São Mateus)

Além disso, alguns agricultores e suas famílias se banham nos cursos d'água que recebem resíduos de agrotóxicos e dejetos humanos, acreditando que o aspecto transparente da água indica ausência de contaminação. Em algumas propriedades se verificou que existe cuidado com a limpeza dos riachos (com a retirada de lixo, por exemplo). Por outro lado, a pesquisa identificou uma família que tem por costume "limpar" a beira do riacho com herbicida. Identificou-se que faltam ações contínuas de conscientização da comunidade referentes aos problemas relacionados à água contaminada, que fossem além da disponibilização de infraestrutura de saneamento básico.

Os arroteiros não aceitariam diminuir o veneno porque diminui a colheita. Teria que ter outra opção, talvez um trabalho com agricultores, com palestra... Se fosse aqui, com bastante divulgação, acho que alguns viriam. (agente de saúde, São Marcos).

A fala acima ilustra, por um lado, que a importância de um trabalho de conscientização também é compartilhada por alguns moradores e, por outro lado,

reflete uma visão presente também entre muitos agricultores de que é impossível diminuir o uso de venenos e continuar sendo agricultor.

Embora não fosse foco da pesquisa, cabe registrar que foi mencionada pelos entrevistados a ocorrência de muitos casos de hepatite na população das comunidades pesquisadas. Isso pode estar relacionado com o mau uso da água, o que sugere uma investigação mais aprofundada sobre o tema.

2.2.6 A juventude que quer a agricultura

Apesar de todas as dificuldades, foi possível identificar muitos jovens que optaram pelo trabalho na agricultura. A maior motivação que os leva a permanecer é sua liberdade, sinônimo de autonomia, da possibilidade de manejar a propriedade do seu jeito. Muitos jovens que permaneceram têm o aval dos pais no que se refere à escolha daquilo que será produzido, como e onde. Nesse sentido, esses jovens conquistaram a autonomia do processo produtivo como um todo, desde o que será plantado até a forma como o produto deverá ser comercializado.

Quando perguntamos a um jovem por que ele resolveu ficar na agricultura, respondeu:

Minha liberdade (...), poder fazer o que eu quero. (jovem agricultor, Canudos)

Os pais também respondiam por que seus filhos preferem a agricultura:

Meu filho não quer sair, não gosta de trabalhar de empregado. (agricultor/carvoeiro, São Mateus)

Porém, em outras propriedades, as decisões do pai prevalecem e esse fato pode desestimular os filhos a permanecer:

Meu marido tem um coração muito bom, mas tem que ser o que ele disser... não arrisca, é conservador. (agricultora familiar, Fazenda de Dentro)

Há também muitos casos de jovens que haviam saído e retornaram para a atividade agrícola, principalmente na localidade de Canudos.

Trabalhei de empregado rural... em supermercado...

E ao ser questionado por que voltou, ele disse:

Quem é agricultor, não adianta! Eu gosto disso aqui, é minha vida. (jovem agricultor, Canudos)

Verificou-se que é muito forte entre a maioria dos jovens (tanto entre aqueles que retornaram quanto entre aqueles que nunca saíram) a percepção de que seu êxito na agricultura dependerá de um grande aporte de insumos externos e maquinário, num processo individualista e sem organização comunitária. Devemos destacar, ainda, que um grande entrave para a permanência dos jovens é a dificuldade para aquisição de terras, devido ao processo de especulação imobiliária comentado anteriormente.

Eu quero trabalhar bastante para comprar um terreno. (jovem agricultor, Canudos)

Os amigos do meu filho não têm terra. Ele vai continuar se tiver condições de comprar terra, porque a terra é muito cara. (agricultora/rizicultora, Fazendas)

Ainda neste tópico dedicado especialmente aos jovens, resgatamos um aspecto que, embora tomado de uma perspectiva geral, é muito reclamado por eles: o lazer. De forma geral, as atividades de lazer e diversão nas comunidades estão relacionadas à Igreja (cultos, missas, festas anuais em cada localidade) e aos festivais (competições locais) de vôlei e futebol. Com relação aos festivais, eles ocorrem com maior frequência na Microbacia de São Mateus. Foi ressaltado que, algumas vezes, os festivais, bingos, campeonatos esportivos e jogos de sorteio são realizados para ajudar pessoas ou famílias que foram acometidas por algum problema, especialmente de saúde.

Por outro lado, muitos agricultores reclamaram da falta de opções de lazer, de iniciativas culturais (esporte, música, etc.) que contribuam para movimentar os espaços locais:

Distrair, só no boteco... e os jovens jogam bola nos fins de semana. (agricultor/carvoeiro, São Mateus)

Distração (é com) missa, futebol, festa de igreja. (agricultor/carvoeiro, São Mateus)

Falta música, joguinho, algo para animar e reunir as pessoas. (agricultora/liderança, Fazenda de Dentro)

Como não tem nada pra fazer, a gente vai 'saindo fora', [falta] algo que trouxesse gente. Quando tinha futebol, tinha gente. (jovem agricultor, Fazendas)

Enfim, os problemas e as limitações evidenciados, além de comprometer a viabilização dos processos produtivos locais, interferem na permanência dos jovens e resultam direta ou indiretamente em conflitos na área. Em face dessas situações, é preciso considerar as proposições sociais, econômicas, técnicas, legais apontadas pelas famílias entrevistadas:

Falta educação, conhecimento, assistência técnica para fazer as pessoas mudar de vida. (liderança, Espanha)

Nós não temos é um agrônomo que acompanhe as famílias no campo. (agricultora/liderança, Fazendas)

O que precisamos é de assistência técnica boa. Porque a gente dá, às vezes, uma cabeçada, não pra ensinar, mas pra conversar, pra acompanhar. (jovem agricultor, Canudos)

Nossos agricultores não têm muito apoio, não têm uma pessoa que converse com eles para fazer o melhor possível. (liderança, São Marcos)

2.3 Compreendendo como os técnicos veem as comunidades

Conforme se apresentou acima, foram obtidas informações importantes sobre as comunidades: podem-se conhecer aspectos importantes do manejo da terra, das maneiras de vender a produção, das relações entre vizinhos e também de aspectos que dificultam a vida nessas comunidades. Mas, sobretudo, houve a preocupação em entender o que as pessoas pensam sobre esses aspectos.

Por outro lado, era também muito importante compreender os principais trabalhos desenvolvidos por instituições com atuação forte no local a partir da visão de seus próprios técnicos. Da mesma forma, era importante entender como os técnicos da Epagri sediados em Biguaçu percebiam a comunidade e as situações que foram descritas anteriormente. Uma síntese dos resultados das entrevistas com a equipe técnica é apresentada abaixo.

Parte da equipe técnica enxerga algumas comunidades da pesquisa como localidades-dormitório, desconsiderando a importância da atividade agrícola que, embora em muitas famílias esteja associada a atividades não agrícolas, tem importante papel nas relações de organização social. A realização de atividades não agrícolas, situação encontrada em muitas famílias, é entendida por parte dos técnicos como uma tendência ao abandono das atividades agrícolas e de desestímulo para a participação em iniciativas que promovam o desenvolvimento local. Através das entrevistas com os técnicos foi possível entender que essa percepção leva parte da equipe, embora sem que estes se deem conta, a ter uma visão de descrédito em seu próprio trabalho.

A equipe técnica percebe que a atividade carvoeira representa um entrave para o desenvolvimento das comunidades, porém se sentem imobilizados perante as imposições da legislação ambiental. É necessário destacar a ausência de iniciativas para criar atividades alternativas que gerem renda agrícola e que possam substituir a renda advinda da produção do carvão. Conseqüentemente, aspectos importantes relacionados a essa problemática, como a baixa autoestima, a “penosidade”, a insalubridade, além de situações conflituosas – intriga entre a população e órgãos ambientais, desentendimentos entre vizinhos decorrentes de denúncias, dependência dos agricultores carvoeiros para com os proprietários de empresas legalizadas –, não têm perspectiva de ser discutidos e encaminhados.

Por outro lado, percebeu-se que os encontros nos grupos formados com o auxílio dos técnicos e com o apoio do Projeto Microbacias 2 possibilitaram que alguns conflitos pudessem ser visualizados e adequadamente encaminhados, sobretudo nos Grupos de Renda. Esses grupos, que envolvem sobretudo mulheres, têm como objetivo a geração de renda através do crivo, bordado, papel reciclado e outros artesanatos. Nessa direção, constatamos o trabalho da extensionista rural e do facilitador, empenhados em solucionar divergências internas aos grupos que podem comprometer a união e a cooperação, necessárias à autogestão. Entende-se que os conflitos só puderam ser percebidos e compreendidos devido ao seu trabalho sistemático semanal com os grupos, em que são valorizados os ensinamentos técnicos, mas, sobretudo, as ações conjuntas, evitando-se ações individualistas ou centralizadoras, que comprometem a participação.

Entendemos que parte do êxito desses grupos de mulheres, que desenvolvem principalmente atividades artesanais, se deve à realização prévia de uma pesquisa, pela equipe, de técnicas manuais culturalmente significativas para as comunidades. Porém, com o desenvolvimento dos encontros, houve a atuação propositiva dos técnicos incluindo outras atividades, de modo que as mulheres não se limitaram



Figura 17. Dona Iracema (Espanha) fazendo o crivo, uma das técnicas manuais culturalmente significativas para as comunidades

às técnicas já conhecidas, mas puderam aprimorá-las e aprender outras atividades, além de promoverem o aprendizado sobre comercialização da produção.

3 Discutindo as situações significativas com a população

Vamos agora para uma parte do trabalho em que as autoras tiveram como base a segunda etapa da Investigação Temática: a “Análise das situações e a escolha das codificações”.

O “levantamento preliminar” terminou quando foram encontradas, a partir de todos os procedimentos relatados, situações que se acredita sejam significativas para as comunidades e que estão, de alguma forma, limitando seu desenvolvimento. São situações que, para ser superadas, exigem um conhecimento novo e se constituem, portanto, em **temas** que podem gerar um programa de ação para aquelas comunidades. Esses temas são aspectos da comunidade que precisam ser mais bem compreendidos e em torno dos quais se podem organizar inúmeras atividades coletivas na comunidade para que se alcance essa compreensão e se busque solução para os problemas que vão sendo compreendidos. A proposta está baseada no entendimento de que a mobilização comunitária só faz sentido se for para

que se cresça como ser humano, para que se possibilite às pessoas o entendimento de suas condições de vida através da aquisição de conhecimento novo; através da conquista do conhecimento necessário para compreender melhor sua realidade e as possibilidades de mudança e, então, se mobilizar para alcançar as mudanças de forma consciente, sabendo aonde se quer chegar.

No trabalho de encontrar esses temas, procurou-se, sobretudo, compreender a percepção da população a respeito de sua realidade, porque tão importante quanto um problema é o que as pessoas pensam sobre ele. De nada adianta apresentar técnicas agroecológicas para uma população que não acredita que é possível produzir sem veneno ou mesmo que não acredita nos prejuízos dos agrotóxicos, ou, ainda, que não acredita ser possível gerar renda produzindo de maneira menos poluente. É preciso adotar estratégias de trabalho para possibilitar a essa população um novo olhar, para que ela faça o exercício de se enxergar de fora dessa realidade, para prestar atenção ao que está fazendo, para que enxergue de que forma está resolvendo seus problemas, e possa perceber de que outra forma eles poderiam ser resolvidos e o que falta para essa nova solução.

Os momentos de convívio com a comunidade e a análise das entrevistas indicaram situações importantes que limitam o desenvolvimento da comunidade, sendo algumas delas não reconhecidas pela comunidade como problemas. Para outras, a comunidade percebe a necessidade de enfrentá-las a partir de uma nova postura, mas não tem informações necessárias para ir em frente. Abaixo se apresenta um resumo dessas situações. Elas são hipóteses de Temas Geradores e, portanto, potencialmente mobilizadoras.

As situações encontradas como potencialmente mobilizadoras, não por acaso, são as mesmas e estão relacionadas à falta de participação e aos conflitos que foram apontados nos Planos de Desenvolvimento das Microbacias e por causa das quais esta pesquisa foi desenvolvida. Abaixo, essas situações são apresentadas brevemente:

- Muitas famílias produzem carvão a partir de lenha nativa. O impedimento legal para realizar antigas formas de manejo (roça de toco) e a intensa fiscalização estão relacionados aos conflitos entre famílias. A condição de clandestinidade contribui para a baixa autoestima. Os agricultores não gostam de produzir carvão; consideram a atividade muito insalubre.

- Os agricultores têm dependência dos intermediários, tanto para o carvão como para outros produtos. Muitos não acreditam que seja possível vender a produção de outra maneira.

- Não conhecem alternativas de produção que possibilitem renda. Ao mesmo tempo que existe, por parte de muitos, forte crença de que a única possibilidade de renda na agricultura é a produção do carvão, existem alguns agricultores tentando fazer uma mudança, tentando iniciar outra produção, porém com muitas dificuldades técnicas e de mercado.

- Existem muitos jovens que querem permanecer no meio rural, mas acreditam que seu êxito depende de muito insumo e maquinário.

- Alguns agricultores, sobretudo os rizicultores e os olericultores, usam grande quantidade de agrotóxicos. A grande maioria não acredita na possibilidade de um cultivo rentável sem o uso de venenos, e muitos ou não querem manifestar sua preocupação com a saúde.

- Muitos desconhecem os problemas relacionados à água poluída. Há vários casos de hepatite entre vizinhos na localidade de São Marcos. Alguns relatam diminuição da quantidade de água.

- Muitos agricultores são analfabetos.

Essas situações estão todas relacionadas entre si e ao contexto maior da própria nação brasileira e mesmo a aspectos globais. São manifestações locais de contradições maiores da humanidade.

3.1 Relacionando as situações significativas encontradas

Conforme se relatou anteriormente, até meados da década de 1970 as planícies eram alagadas e quase toda a agricultura era praticada nos morros. A partir daquela data, as áreas de planícies foram drenadas e são usadas para a agricultura. Por isso, passaram a ser muito valorizadas. Embora nessas áreas existam muitas famílias de agricultores cuja situação econômica é nada confortável, essa supervalorização foi assim comentada por um agricultor: *Lá embaixo ficou tudo para os ricos.*

Por serem planas, as áreas podem ser mecanizadas. São usadas para olericultura e rizicultura irrigada, ambas com intenso uso de maquinário, adubos químicos e agrotóxicos. Não existe nenhuma prática de proteção do solo. Os cultivos se estendem praticamente até as margens dos rios, cuja área de alagamento natural foi invadida. O grande volume de insumos contribui para a poluição dos cursos d'água e provoca inúmeros casos de intoxicação, que, muitas vezes, são ocultados pelas próprias vítimas.

A poluição da água não é percebida por todos. Alguns agricultores disseram que as crianças se banham nos riachos porque a água é limpa.

Com exceção das manivas de mandioca e dos barços de batata-doce, que muitas vezes são trocados entre vizinhos, não existe a preocupação entre os agricultores para o uso de sementes crioulas. Ao contrário: os agricultores argumentam que, para sua permanência no mercado, é necessário o uso de veneno e adubo, que, por sua vez, é consequência das sementes que compram.

Nos morros persiste um sistema de plantio em que a terra não é lavrada, segundo os agricultores, porque os tocos das árvores impedem o uso do arado. As ramas de mandioca são plantadas em covas feitas com a enxada. O sistema intercalado de plantação e pousio está sendo abandonado em muitos estabelecimentos. A impossibilidade de cortarem sem medo as árvores nativas tem feito os agricultores optarem pelo plantio de eucalipto em algumas glebas, o que permite a plantação apenas de uma roça de mandioca em consórcio. Uma vez que as raízes do eucalipto crescem, a mandioca não pode mais ser plantada. Assim, um sistema antigo de

manejo e todo um saber tradicional a respeito das roças de toco e de árvores nativas está se perdendo.

A lenha, que antes era um subproduto da roça, passa, muitas vezes, a ser a principal fonte de renda de muitas famílias, com a produção ilegal de carvão. Essa situação gera baixa autoestima nos agricultores carvoeiros e, muitas vezes, situações de desconforto com vizinhos, sobretudo os que não praticam agricultura, de quem os agricultores desconfiam que partam denúncias aos órgãos ambientais. Essa situação chegou a gerar, por outro lado, uma mobilização espontânea, mas não obteve a resposta apropriada por parte do poder público local e tampouco conseguiu motivar os técnicos locais para aproveitarem a mobilização iniciada e, juntos, proporem a busca de soluções. Foi mais um episódio para aumentar o descrédito dos agricultores em relação aos projetos do poder público.

Os agricultores não acreditam na agricultura sem o uso de agrotóxicos, mas são categóricos em afirmar que na roça feita nos morros não se usava veneno nem adubo. São carentes de informação técnica sobre os cultivos que se aventuram a realizar e não hesitam em usar o agrotóxico recomendado pelo vizinho ou pelo vendedor da loja.

O uso de agrotóxico é um problema amplo da agricultura mundial. O impedimento do uso da floresta, aliado à falta de conhecimento das possibilidades de manejo e à falta de negociação com os órgãos ambientais, também não é uma situação particular dessas comunidades; isso já vem sendo relatado em diversos artigos científicos.

Os agricultores nunca mencionaram alguma iniciativa dos órgãos públicos de extensão rural em buscar alternativas à renda advinda do carvão, enfrentando a questão abertamente e investigando outros possíveis usos da floresta. Não reconhecem seus direitos perante os órgãos de assistência técnica. Não concebem outra forma de relação com os órgãos públicos vinculados à agricultura que não seja a de conseguir receitas pontuais quando solicitadas ou a disponibilização de máquinas. Não reconhecem seu próprio papel de sujeitos na busca de soluções ao lado dos técnicos – resquícios de uma história de extensão rural em que o agricultor era considerado aquele que deveria receber passivamente o que pesquisadores e extensionistas determinassem, sobretudo as técnicas modernas de agricultura. Não existe uma discussão que procure associar o saber local ao saber científico, do qual o técnico é portador.

Muitos agricultores são analfabetos ou semianalfabetos, o que lhes causa vergonha e os limita em todos os aspectos. Não têm as mesmas condições de acesso e participação. Essa situação, aliás, é compartilhada por 16 milhões de brasileiros. Foram mencionadas pelos próprios agricultores situações em que a dificuldade para ler e escrever significou deixar de participar, inclusive, da liderança da Associação de Desenvolvimento da Microbacia ou do Sindicato.

3.2 O encontro: seus objetivos, contexto e fundamentos

Uma vez encontradas essas situações acima descritas, pode-se partir para a terceira etapa da Investigação temática, denominada por Paulo Freire de Círculos de Investigação Temática, em que as situações significativas encontradas são levadas à população para discussão coletiva e obter sua confirmação como Temas Geradores a partir dos quais se poderia montar um programa de ação para a superação das dificuldades identificadas.

“O conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos –, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada.” (Freire, 1987, p.83).

Dentro dessa perspectiva, nossos encontros com as comunidades tiveram os seguintes objetivos:

- Verificar as possibilidades de ramificação das situações apresentadas em tantas outras, de forma que poderão ir gerando e exigindo novos conhecimentos, confirmando-as então como Temas Geradores e, a partir dos quais, se poderá iniciar um processo de mobilização;
- Captar a percepção das pessoas a respeito das situações apresentadas para poder planejar estratégias de trabalho a fim de possibilitar à população, eventualmente, reavaliar sua postura;
- Identificar, entre as situações apresentadas, aquelas que despertam maior interesse para se iniciar o processo de mobilização;
- Possibilitar um primeiro exercício de distanciamento e reflexão coletiva sobre sua realidade.

Embora de forma incipiente, nesse primeiro processo de distanciamento estamos promovendo conscientização e, de acordo com os pressupostos assumidos, preparando a ação necessária para superar a situação desafiadora. Tendo em vista as carências identificadas, entendemos que é necessário um processo de conscientização, mas também é necessário apoio institucional externo contínuo para auxiliar na superação dos desafios que forem sendo “descobertos”. Assim, buscou-se articular o trabalho de pesquisa com o trabalho da equipe local da Epagri em Biguaçu para que pelo menos alguns dos temas fossem levados adiante, uma vez que o trabalho de consultoria tinha prazo e recursos determinados.

Como não foi possível visualizar nas atividades futuras da equipe local nenhuma possibilidade de continuação das discussões que se iniciariam, preferiu-se abreviar o processo realizando apenas um encontro em cada comunidade, na esperança de que no futuro próximo alguém ouse retomá-lo. É necessário deixar claro que esse encontro foi um início do processo de discussão da temática e que a ele deveriam seguir-se muitos mais para que se pudessem ampliar as discussões (apenas iniciadas) sobre as diversas situações, para que o programa de ação-educação pudesse ser concebido com mais detalhes. Por outro lado, esse encontro adquiriu também o sentido de fechamento do trabalho junto à comunidade e de “apresentação das informações encontradas”.

3.2.1 A dinâmica problematizadora

O encontro foi preparado tendo-se como orientadora a dinâmica de **codificação-problematização-descodificação**, proposta por Paulo Freire para se promover a conscientização. Esse processo visa promover a reflexão através do distanciamento da realidade para que a comunidade comece a perceber de que forma está resolvendo seus problemas e comece a questionar-se sobre a existência de outras possibilidades.

A partir desse distanciamento, as pessoas vão expressando suas versões para os fatos e, através da intervenção questionadora, problematizadora do técnico-educador e de outras pessoas da localidade, vão tomando consciência das próprias explicações e soluções; começam a perceber que existem outras possibilidades de solução que merecem ser investigadas. Esse é o primeiro passo para despertar o interesse das pessoas para investigar soluções que ainda não dominam, mas agora sabem que existem. Ou seja, a apropriação de um conhecimento novo, de uma nova forma de enxergar a realidade envolve rupturas com sua forma atual ou com os conhecimentos atuais através dos quais constrói sua visão da realidade.

Em outras palavras: a apropriação de conhecimentos pelos agricultores, por exemplo, não se dará pela simples exposição do técnico a respeito de uma técnica, da necessidade de formar uma associação, da necessidade de procurar formas menos poluentes de fazer agricultura, da necessidade de preservar as águas, etc. A apropriação desses conhecimentos tão necessários se dará pela problematização de seu conhecimento anterior, que deve ser proporcionada pelos técnicos.

Os temas da população, “colhidos” durante a Investigação Temática, começam a ser devolvidos a ela na forma de problemas a ser decifrados. Todo processo educativo deve se iniciar pelo conhecimento ou visão da comunidade e, através da problematização, chegar a um nível maior de compreensão.

Assim, esse encontro fez parte de um processo de mobilização comunitária que poderia ser seguido para construir conhecimento a fim de mudar a realidade, em que as pessoas participariam ativamente na busca de soluções e, auxiliados sim pelos técnicos, começariam a **descobrir seus desafios** e novas maneiras de enfrentá-los.

Ao mesmo tempo, a metodologia utilizada revela a percepção das pessoas das situações apresentadas. Esse aspecto era essencial para que se pudessem sugerir passos para a organização de um programa que levasse em conta essas percepções e, se necessário, desenvolvesse atividades capazes de promover um repensar sobre essas mesmas percepções.

Então, era preciso não apenas prestar atenção àquilo que as pessoas falassem, mas também entender o significado dos olhares, dos gestos, dos silêncios. Para isso, foi importante a etapa inicial de contato individual com as famílias, a partir da qual foi possível compreender também os eventuais interesses particulares que poderiam estar presentes.

A discussão em conjunto a respeito de aspectos locais permitiu identificar

temas que chamam a atenção da comunidade, que estão relacionados a outros que, embora não despertem tanto interesse, também precisam ser retomados e cuja necessidade de aprofundamento deve ser reconhecida pela população ao longo do tempo. Aqui, ressalta-se o papel do técnico-educador que não pode isentar-se de sua tarefa de despertar a população para desafios que ainda não consegue perceber.

A seguir, estão detalhadas as etapas preparatórias e faz-se o relato do encontro.

3.2.2 Preparando as codificações

A **codificação** é um recurso para apresentar à população aspectos de sua realidade para que ela faça o exercício de refletir sobre eles. Pode ser uma foto, um desenho, uma fala das pessoas do local, ou mesmo o relato oral de alguma situação encontrada. Ela deve permitir que as pessoas se reconheçam nela e reconheçam também os fatores que promovem essa situação. Deve permitir, também, que reconheçam a si mesmas e aos seus companheiros em relação a esses fatores. Para Freire (1987, p. 97), “a codificação de uma situação existencial é a representação desta, com alguns de seus elementos constitutivos, em interação. A descodificação é a análise crítica da situação codificada”.

A parte da realidade captada e apresentada de forma codificada faz parte de um conjunto e, embora seja possível analisá-la em particular para compreendê-la melhor, nunca se deve deixar de recolocá-la no conjunto e propiciar o entendimento de suas relações com as demais situações existentes. Paulo Freire explica que a codificação possibilita uma operação que está na base do conhecimento: tomar distância do objeto que se quer conhecer. Como a codificação representa uma situação da realidade, ela possibilita que se comece a refletir, a conhecer melhor a realidade da qual as próprias pessoas presentes fazem parte.

Já a **descodificação**, como dito acima, é esse processo de analisar a situação apresentada, de entender as partes dessa situação e, ao mesmo tempo, a totalidade, o contexto do qual essa situação particular faz parte. Para chegar a esse processo, podem-se promover diferentes atividades com os agricultores, entre elas muitas daquelas descritas nos manuais de ferramentas participativas, com a intenção de proporcionar melhor conhecimento da realidade que, muitas vezes, é naturalizada, que não é questionada, ou mesmo sobre a qual se acredita que uma mudança seja impossível.

Numa reunião, por exemplo, em que se apresenta uma foto, uma fala de alguém da comunidade ou um desenho, a discussão gerada, as opiniões divergentes apresentadas pela própria população e a postura do educador que, em vez de responder, desafia a população a enxergar a situação de outro ângulo, é o que chamamos de **problematização**. As situações vão sendo colocadas na forma de “problemas” que precisam ser resolvidos e, para isso, mais bem conhecidos e analisados.

É um processo dinâmico em que codificação, problematização e descodificação

vão e vêm, e não existe um padrão para ele, devendo ser pensado em função das situações significativas encontradas no Levantamento Preliminar. Muitas atividades podem proporcionar essa dinâmica. Desde que se saiba qual situação significativa se quer colocar em discussão junto com a comunidade, pode-se escolher uma ou algumas das ferramentas participativas apresentadas nos manuais de extensão rural para auxiliar nessa tarefa. Como exemplo, citamos a linha do tempo, as travessias, o Diagrama de Venn, o mapa de recursos naturais¹².

Uma vez que se decidiu fazer apenas um encontro coletivo com a comunidade, nosso desafio era apresentar as situações significativas numa única reunião, em que a comunidade conheceria os resultados da pesquisa até o momento, poderia discutí-los (inclusive discordar deles) e se deveria poder visualizar quais situações são as mais indicadas para se iniciar um programa de ação-educação com as comunidades.

Decidiu-se apresentar as situações em forma de frases ditas pelas pessoas durante as entrevistas. Essas frases deveriam possibilitar que as pessoas se reconhecessem nelas e quando colocadas em discussão e deveriam possibilitar mais de uma forma de análise. Ou seja, deveriam permitir que as pessoas presentes conseguissem olhar para aquele tema de diferentes maneiras, vendo os diferentes lados da questão – não como um *slogan* de propaganda em que se quer que as pessoas enxerguem uma única possibilidade.

A seguir são transcritas as frases usadas como codificação que estavam relacionadas às situações apresentadas anteriormente como potencialmente mobilizadoras e, ao mesmo tempo, relacionadas à falta de participação e aos conflitos na comunidade.

Eu não planto outras coisas. Prefiro plantar isso aí e ir 'no' mercado comprar. A banana fica no mato estragando... O pessoal não tem ajuda para vender. Meu filho poderia estar aqui comigo; tem um monte de lenha pra fazer carvão. Meu sonho era isso aqui... se isso aqui me desse renda... Não plantam mais no morro por causa do Ibama. É como se trabalhasse com roubo fazer carvão. A polícia acaba fazendo intriga entre vizinhos. As pessoas da comunidade acabam brigando entre si. Agora, no lugar do ingá, nós estamos plantando eucalipto. Veneno do arroz é ruim pros olhos. Fumaça do carvão é ruim para quem tira o carvão do forno e para a população em geral. A terra não precisava de estrume e ainda usava a lenha. Veneno... mas é controlado. A gente não dorme com a bomba nas costas. Falta algo que melhore a renda. O pessoal só quer trabalhar com carvão. Nunca apareceu ninguém para dar assistência técnica. O que faltou... Os homens pediram reforma para os engenhos. Aí todos

¹² Essas ferramentas podem ser encontradas em VERDEJO, M.E. *Diagnóstico Rural Participativo: guia rápido*. Brasília: MDA – Secretaria da Agricultura Familiar, 2006; ou em GEILFUS, F. *80 herramientas para el desarrollo participativo*. São Salvador: Prochamate-IICA, 1997.

venderiam sua farinha.

Homens não vão 'na' reunião porque têm a roça.

Reunião, para eles, é coisa de mulher. O que importa para eles é o sol e não o horário.

Há cinco anos não tem mais água no morro. Mas antes não se derrubava ao redor de uma bacia.

Essa água é pouca. O pessoal é relaxado, deixa a mangueira aberta.

Tudo que é sujeira é jogada no rio.

3.2.3 Os Momentos Pedagógicos

Para conseguir a dinâmica problematizadora referida, utilizaram-se como importante ferramenta os **Momentos Pedagógicos** sugeridos por Delizoicov (1991): Problematização Inicial, Organização do Conhecimento e Aplicação do Conhecimento¹³. Esses momentos foram pensados pelo autor para estruturar a dinâmica problematizadora de Paulo Freire no ensino formal, ou seja, na sala de aula. Mas, assim como servem para preparar uma aula, um programa de ensino ou mesmo uma reunião com pais, também são muito úteis para programar uma reunião e um programa de ação com os agricultores.

Problematização Inicial

Na **Problematização Inicial** são apresentadas, em forma de codificação, as situações reais que as pessoas conhecem e presenciam. A organização do encontro deve desafiar as pessoas a expressarem sua visão sobre essas situações. A meta é problematizar o conhecimento da comunidade sobre as situações apresentadas através de algumas poucas questões. O ideal é dividir as pessoas em pequenos grupos para discutirem as questões propostas. Isso possibilita que todas as pessoas participem. Ao montar esses pequenos grupos, deve-se observar que eles sejam bem heterogêneos, ou seja, que num mesmo grupo se coloquem pessoas com atividades diferentes. Nas localidades de Biguaçu, por exemplo: arroteiros, olericultores, carvoeiros, pessoas que têm renda não agrícola, jovens, idosos, homens, mulheres.

Depois, a síntese desses pequenos grupos deve ser apresentada ao grande grupo, e o mediador deve questionar as respostas apresentadas e até mesmo lançar dúvidas sobre o assunto. O objetivo é “aguçar as explicações contraditórias e localizar as possíveis limitações e lacunas do conhecimento que vem sendo expresso (...)” (Delizoicov, 2002, p.201).

O ponto culminante dessa atividade é fazer que a pessoas presentes sintam a necessidade da aquisição de outros conhecimentos. Tenta-se apresentar a situação em discussão como um problema que precisa ser enfrentado. Nesse primeiro

¹³ Outras obras do mesmo autor nas quais nos baseamos para preparar nosso encontro e escrever estas páginas: DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J.A.; PERAMBUCO, M.M. *Ensino de Ciências: fundamentos e métodos*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002. 366p.; DELIZOICOV D. *Didática Geral*. 1.ed. Florianópolis: UFSC/EAD/CED/CFM, 2008. v.1. 128p.

momento prevalece a fala da comunidade.

Organização do Conhecimento

É o momento em que os conhecimentos necessários para a compreensão da situação apresentada no momento anterior são estudados sistematicamente. Salienta-se que o conhecimento ao qual nos referimos não significa sempre uma técnica agrícola. Pode significar uma compreensão melhor da legislação, da dinâmica de instituições envolvidas e até mesmo das dificuldades enfrentadas por seus vizinhos em determinadas tarefas. Sobretudo num primeiro encontro, pode ser a compreensão da relação entre as diferentes situações vividas ou a capacidade de sistematizar prioridades de ação em função dos problemas discutidos.

Aplicação do Conhecimento

É o momento da síntese da fala da comunidade com a do técnico, da síntese de suas visões sobre a realidade. Ou, pelo menos, deve ser a percepção da diferença entre as duas visões. As falas do técnico junto com as falas da comunidade exploram as perspectivas criadas, visualizam possibilidades de encaminhamento para o que foi discutido. É o momento para se fazerem generalizações sobre os conteúdos apreendidos, de sair daquela situação tão particular para outras que o conhecimento adquirido também auxilia a compreender.

Ao mesmo tempo que esse momento encerra uma etapa, ele representa o início de outra, que deve começar novamente pela Problematização Inicial. E assim se segue, aprofundando os temas e iniciando ações derivadas da compreensão que se vai tendo deles, e organizando outras necessárias para compreendê-los melhor.

Veja, no quadro a seguir, como se havia programado o encontro:

Quadro 1. Programação do encontro com a comunidade

Acolhida

1) Explicar que nos Planos das Microbacias apareceram problemas como conflitos entre as famílias e pouca participação nas atividades propostas. Esclarecer que o trabalho foi contratado para entender por que esses conflitos/problemas aconteciam e que convidamos a comunidade para essa reunião para devolver os resultados. Explicar que conhecer esses aspectos é importante para o pessoal que é de fora (técnicos, pesquisadores, etc.) poder organizar seus trabalhos em função daquilo que a comunidade realmente necessita e para a própria comunidade poder solicitar trabalhos (ações, projetos) de forma mais madura, resultado de discussões conjuntas para que as pessoas e organizações que trabalham no meio rural tenham a possibilidade de ajudar.

2) Dinâmica das mãos para “quebra-gelo” e para ilustrar como uma coisa aparentemente impossível pode ser resolvida com a cooperação de todos.

1º momento – Problematização inicial

Objetivo: Provocar um distanciamento da realidade, permitindo uma reflexão sobre situações importantes da comunidade, provocando a necessidade de conhecer, entender melhor aquelas situações e querer procurar mudanças.

Dinâmica:

1. Colar um papel pardo grande (2,5 x 2m) na parede.
2. Colar uma a uma as frases representativas de cada situação significativa, escritas em cartolina branca, sobre o papel pardo. Fazer um pequeno relato sobre cada frase.
3. Pedir que cada pessoa se levante e coloque um X ao lado das duas frases que considera mais importantes, que representam o que é mais importante, do seu ponto de vista, na comunidade. (É momento de movimento na sala).
4. Perguntar se colocariam outra situação que está faltando para completar uma fotografia geral da comunidade.
5. Quando as pessoas voltam aos seus lugares, é o momento de discutir as situações significativas. Os mediadores vão repassando as frases e, começando pela menos votada, pedem para quem votou que explique o porquê de sua escolha. (Enquanto isso, os mediadores vão anotando frases importantes que poderão ser usadas no próximo momento para fazer a relação entre as diferentes situações).

2º momento: Organização do conhecimento

Objetivo: Proporcionar um novo olhar sobre as situações, sobretudo a partir do estabelecimento de relações entre as situações.

Dinâmica:

1. Resgatando algumas falas dos agricultores sobre alguma situação específica, perguntar a que outra situação, também colocada no quadro, essa fala se relaciona.
2. Pedir que venham à frente e que cada um trace uma linha explicando por que fez essa ligação.

3º momento: Aplicação do conhecimento

Objetivo: Gerar uma síntese dos conhecimentos adquiridos – no caso, a percepção das relações estabelecidas no momento anterior – e montar uma lista de temas que sintetizem as falas, como sendo prioridades para aquela comunidade para serem retomadas num planejamento futuro com a Epagri ou o Microbacias 3.

Dinâmica:

1. Explicar que essas situações, se realmente importantes para eles, devem ser colocadas de forma mais sintética, em poucas palavras, como um resumo que mostre alguma atitude a ser tomada. Assim, as falas vão ser transformadas em desejo de mudança e poderão ser retomadas num planejamento futuro.
2. Retomar as situações, levantar a discussão dizendo: nós discutimos que isso era importante. O que é preciso para que deixe de ser um empecilho para a comunidade? Para cada situação, escrever uma, duas ou três frases curtas que representem ações das quais vocês participariam para reverter a situação.
3. Para cada situação, as pessoas falam (se for preciso, os mediadores questionam, problematizam e melhoram junto com os presentes) e os mediadores escrevem e vão colando num canto do papel pardo.
4. Explicar que essa síntese será colocada num relatório que será entregue ao Projeto Microbacias 2 e também ficará uma cópia para cada ADM.

Agradecer.

4 Descrição e análise do encontro coletivo

O convite para os encontros foi feito uma semana antes, durante o Encontro dos Grupos de Renda, realizado no Salão da Igreja da Fazenda de Dentro. Foram convidadas as pessoas que participaram da etapa das entrevistas por serem representativas da diversidade sociocultural da área. Para determinação do dia e horário, consultamos as pessoas presentes ao encontro. Um pequeno convite foi entregue pessoalmente a elas e foi encaminhado aos que não estavam presentes por seus vizinhos.

4.1 O encontro na Microbacia das Fazendas

Na Microbacia das Fazendas o encontro ocorreu após a reunião semanal do Grupo de Artesanato, e as pessoas ainda estavam envolvidas nas discussões de aspectos específicos das atividades do grupo.

Estiveram presentes 13 pessoas (além das mediadoras). As cadeiras foram organizadas em forma de círculo. Fez-se a apresentação dos mediadores e dos objetivos do encontro. Pediu-se que cada um dos presentes se apresentasse. Em seguida, convidamos o grupo para uma dinâmica (uma brincadeira) que simulava a resolução de uma situação aparentemente impossível. Ela consistia em que as pessoas fizessem um círculo dando-se as mãos, observassem quem era seu parceiro do lado esquerdo e do lado direito. Em seguida, que soltassem as mãos e dançassem ao som da própria voz. Sob o comando das mediadoras, pararam de dançar permanecendo no mesmo lugar e tiveram de alcançar a mão esquerda da mesma pessoa que esteve ao seu lado esquerdo antes da dança. O mesmo com a mão direita. Formou-se um emaranhado de gente. O desafio agora era voltar ao círculo perfeito sem soltar as mãos. Aos poucos, as pessoas foram percebendo que movimentos coordenados de todos permitiam desatar os nós, e chegamos ao círculo novamente sem soltar as mãos, o que, inicialmente, parecia impossível.

Voltando à sala, explicou-se que se traziam para discussão alguns aspectos que, do ponto de vista das pesquisadoras, formavam um retrato da localidade e que se gostaria de saber sua opinião sobre esses aspectos e se faltava algo para completar esse retrato.

Assim, as frases mencionadas anteriormente foram lidas uma a uma e também contextualizadas. Informou-se em que momento elas haviam sido ditas pelos entrevistados, preservando sempre o anonimato dos autores.

Enquanto se iam colocando as frases, já era possível visualizar no olhar e nos gestos com a cabeça a identificação com aquelas situações. Colocadas todas as frases, pedimos que pensassem sobre elas; se elas eram verdadeiras em relação à comunidade deles (ver Figuras 19 e 20).



Figura 18. Registro da reunião na Microbacia das Fazendas

Sugeriu-se que as frases fossem lidas novamente e que cada um viesse à frente e assinalasse duas ou três, que lhe fossem mais significativas. Mas os agricultores preferiram apenas falar e pediram que as mediadoras assinalassem. O acordo foi que colocaríamos V (verdadeiro) e F (falso) ao lado das frases, e assim provocamos o início da discussão.

4.1.1 Destaques da discussão

Colocadas todas as frases na parede, a discussão se iniciou por uma fala a respeito da dificuldade de comercializar a banana produzida pelos agricultores da comunidade. Daí se derivou a discussão sobre a relação com o consumidor que acha que o agricultor que vende direto pode vender mais barato que o mercado.

Essa discussão da relação com o consumidor se prolongou em relação ao uso de agrotóxicos. Foi um momento com opiniões divergentes: alguns dos presentes opinavam que se o consumidor não comprasse, tampouco se plantaria usando agrotóxico. Outros diziam que nem todos os consumidores têm informações sobre os malefícios dos agrotóxicos. Além disso, todos os presentes afirmaram que o uso de agrotóxicos faz mal à saúde, mas o que ficou muito claro foi que a maioria não acredita na possibilidade de fazer agricultura sem veneno. Essa discussão foi associada às novas variedades de plantas que requerem sempre mais insumos.

Também não acreditam que as demais pessoas da comunidade queiram mudar sua forma de cultivar. Fica evidente uma percepção de impossibilidade de mudança diante do “poder do consumidor”, ou seja, da força do mercado em determinar o que e como se deve plantar. Sobressai a necessidade de atender a um mercado que exige um produto bonito, que agrade aos olhos, o que muitas vezes é mais difícil de ser obtido em cultivos sem agrotóxicos.

A discussão gerada pela frase que vinculava a saída dos jovens à impossibilidade de fazer carvão remeteu aos problemas mais gerais da agricultura, sobretudo à grande incidência de doenças nas lavouras e ao baixo preço obtido pelos produtos agrícolas. Os presentes ressaltaram que a comunidade não se dedica só ao carvão, mas que, diante do baixo preço obtido pelos outros produtos agrícolas, ele representa a maior parte da renda de quase todas as famílias.

Quando provocados a falar sobre a produção para consumo próprio, reconheceram que muitos na comunidade já não querem produzir para o consumo da casa, argumentando que é mais prático comprar. Por outro lado, todos os presentes cultivavam alguma coisa para o consumo próprio e argumentavam que quem trabalha na roça sempre planta alguma coisa para comer.

A discussão a respeito da água foi muito polêmica e sempre vinculada às mudanças no uso da terra. A sujeira mencionada em uma das frases remeteu ao lixo, cujo tratamento já melhorou, uma vez que o caminhão coletor já passa na comunidade. Sobre esse aspecto do lixo, embora se faça artesanato com papel reciclado, não foi mencionada nenhuma discussão a respeito de coleta seletiva ou do lixo tóxico. A contaminação da água por agrotóxicos, assim como do ar e do ambiente de modo geral, foi mencionada como um problema. Porém, sua importância foi diminuída quando pensam na poluição a que estariam sujeitos se morassem na cidade.

As frases que remetiam à produção do carvão geraram grande discussão e foram confirmadas: a importância dessa atividade como fonte de renda, sua insalubridade, a desconfiança quanto às denúncias em relação aos novos moradores (que não são agricultores), a insatisfação perante o tratamento dado aos agricultores pelos órgãos ambientais. É possível evidenciar também uma visão de que é difícil alterar essa realidade, mas, por outro lado, com a problematização foi possível destacar que a comunidade já realizou mudanças, por exemplo, em relação às maneiras antigas de fazer carvão. Relataram diversas iniciativas que foram sugeridas por técnicos para geração de renda, mas nenhuma delas tratou de abordar diretamente a questão do carvão. Na percepção dos presentes era requerido o trabalho “em sociedade”, cujas implicações não são compreendidas pelos agricultores. Percebe-se que os agricultores não compreendem o que significa trabalhar em grupos de cooperação ou associação, de tal modo que se referiam a essa possibilidade como trabalhar “em sociedade”, entendendo que com o trabalho cooperativo haveria interferência de terceiros diretamente em sua propriedade.

A discussão proposta sobre assistência técnica teve como desfecho o desejo explícito dos presentes de que a frase “nunca apareceu ninguém para dar assistência

técnica” fosse considerada falsa. No entanto, percebeu-se que esse tema, tratado livremente nas entrevistas, foi tomado com receio por algumas pessoas durante a reunião. A frase escolhida possibilitou ampla discussão, em que foram mencionadas algumas iniciativas trazidas pelos técnicos que não se concretizaram e outras que se concretizaram, mas envolveram poucas famílias. Discutiui-se que um trabalho mais atuante dos técnicos acontecera havia quase 10 anos e que atualmente existe uma carga elevada de trabalho no escritório, o que dificulta a presença dos técnicos nas comunidades.

Pôde-se perceber a vinculação da questão assistência técnica com as demais situações propostas para discussão, sobretudo porque, com exceção da iniciativa de pastoreio rotativo, implantada junto a uma família que já tinha história na produção leiteira, as iniciativas mencionadas não eram acompanhadas de um enfrentamento da situação atual dos agricultores.

Reconhecem que as pessoas da comunidade participam ativamente dos mutirões e o que fica implícito é que os mutirões têm sentido para a população, que consegue enxergar neles alguma mudança, por exemplo: ajudar um vizinho a colocar telhas na construção nova, ajudar na roça de alguém que adoeceu, ajudar nas festas da Igreja. Apesar de terem reconhecido que o mutirão já não é mais tão forte, sobretudo quando envolve atividades na Igreja, esse aspecto é fundamental e deve ser considerado em estratégias de trabalho com a comunidade: começar com propostas bem práticas, mas não sem a reflexão necessária.

Embora a função principal da colocação de V ou F fosse provocar o início da discussão e captar a percepção dos presentes, foi uma maneira de registrar a confirmação (ou não) das informações recolhidas no Levantamento Preliminar. Dessa forma, destacamos que, além da frase relativa à assistência técnica, cuja discussão foi sintetizada acima, a comunidade também preferiu colocar F (falso) para as seguintes frases:

A polícia acaba fazendo intriga entre vizinhos. As pessoas da comunidade acabam brigando entre si.

Os homens pediram reforma para os engenhos. Ai cada um venderia sua farinha.

A respeito das intrigas provocadas pela polícia, reconheceram que existe a desconfiança, mas não chegam a ponto de brigar entre si. Acreditam que as denúncias partam mais de pessoas “de fora”, que vieram para as localidades há pouco tempo, moram em lotes pequenos e não praticam agricultura.

Quanto à reforma dos engenhos, a frase colocada parece representar apenas a percepção de uma pessoa, pois houve unanimidade em afirmar que esse pedido nunca havia sido feito. De fato, a pessoa que nos havia dado essa informação era da Microbacia de São Mateus, e a reunião ora descrita e analisada aconteceu na Microbacia das Fazendas. Evidenciou-se, assim, que a questão referente à reforma dos engenhos era uma questão particular da Microbacia de São Mateus, não sendo, portanto, uma situação mobilizadora para a Microbacia das Fazendas.

- A discussão das relações entre as situações, prevista como objetivo do

Segundo Momento Pedagógico – Organização do Conhecimento, foi bastante intensa e, embora não tenha sido registrada no quadro conforme planejado, foi gravada em fita cassete e uma síntese é transcrita abaixo. A falta de mercado para os produtos (ex.: banana) está relacionada à falta de participação e de organização para trabalhar em conjunto.

- A dificuldade de colocação dos produtos no mercado está associada à impossibilidade dos agricultores de atenderem à demanda do supermercadista.
- Os agricultores não têm como concorrer com o supermercado que oferece aos consumidores todos os produtos num mesmo local, facilitando as compras.
- Os terrenos de Biguaçu, especificamente aqueles onde se planta arroz, sofrem enchentes periódicas e, por isso, não se podem aplicar as técnicas usadas em outros locais, como cultivo orgânico com marreco e peixes, pois estes são levados pelas águas.
- Hoje não se pode deixar de usar veneno porque o trabalho já é mecanizado e não se pode colher pouco como antigamente, quando se colhia pouco e não fazia mal para a saúde. Se não passar veneno para matar o mato, não se colhe nada.
- Reuniões para discutir aspectos da produção agrícola motivariam a população masculina a participar. Mas não poderia ser reunião apenas sobre um cultivo (como o arroz, por exemplo), pois só motivaria os rizicultores.
- Discussões sobre a produção de carvão motivariam a maior parte da população porque, com a exceção de poucas famílias, é a principal atividade geradora de renda na comunidade.

Após a discussão das relações entre as situações apresentadas, as mediadoras propuseram que aos aspectos negativos discutidos fosse apresentada uma atitude afirmativa que deveria ser tomada para superá-los. Seria uma forma de a reunião gerar um resultado que poderia ser aproveitado pela comunidade nos próximos planos ou programas que serão executados.

Tentava-se fazer uma síntese da reunião, voltando às situações apresentadas para percebê-las de outra forma, mais desafiadora e não tão fatalista e imobilista. Estávamos no 3º Momento Pedagógico – Aplicação do Conhecimento. As mediadoras salientaram que essa síntese não significava conhecer imediatamente a solução para os problemas discutidos, mas que entender que aquelas atitudes deveriam ser enfrentadas é o primeiro passo na direção da solução.

A síntese foi a seguinte:

- Encontrar mercado para os produtos agrícolas.
- Promover mais encontros na comunidade para discutir temas que dizem respeito às relações humanas.
- Procurar alternativas ao carvão.



Figura 19. Frases utilizadas como codificação

Cabe salientar que o ponto a respeito de relações humanas foi proposto depois de um desabafo de algumas pessoas bastante atuantes que reclamavam o engajamento de outras pessoas, mencionando muitas vezes a necessidade de formação de uma cooperativa e de mais união. De outro lado, uma pessoa presente argumentou que desde criança todos aprendem a trabalhar na sua família e que ninguém interfere na família do outro; que ninguém é acostumado a trabalhar em cooperativa. Um agricultor questionou em que se trabalharia se uma cooperativa fosse formada. Resgata-se essa pequena parte da discussão para ilustrar dois aspectos:

- Em primeiro lugar, a força do diálogo como promotor de consciência e gerador de conhecimento. Quando o agricultor questionou a finalidade da formação de uma cooperativa, está problematizando a afirmação de sua colega, evidenciando uma lacuna na percepção até então não contrariada: é necessário que um grupo amadureça suas ideias sobre o que trabalhar para, então, discutir se a melhor

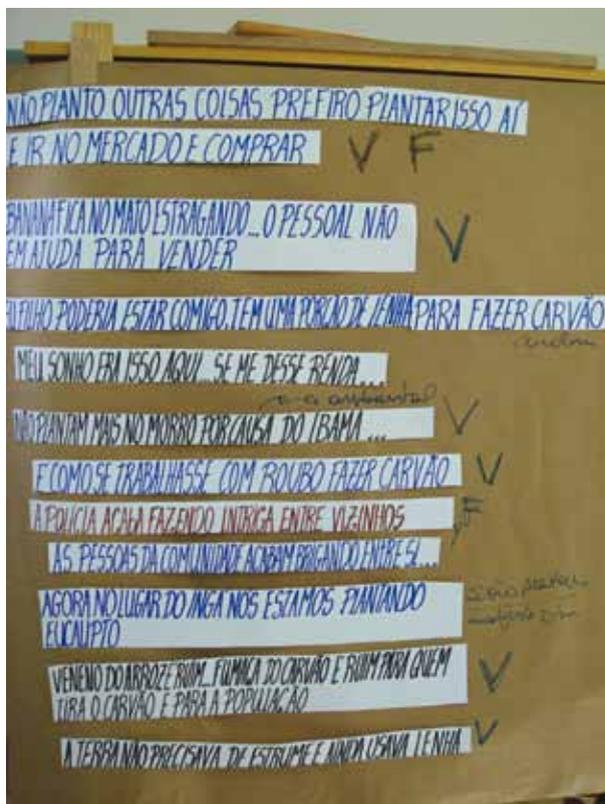


Figura 20. Frases utilizadas como codificação

forma de encaminhar seus desafios é montando uma cooperativa. Quando a outra agricultora relatou sua preocupação em relação à perda de autonomia se fosse formada uma cooperativa, evidenciou que é necessário conhecer o que é de fato uma cooperativa, o que muda na autonomia de cada agricultor se ele participar de uma cooperativa, etc. Todos esses são aspectos que podem ser retomados com o grupo.

- Em segundo lugar, essa discussão evidencia que os Momentos Pedagógicos são um instrumento para organizar a ação educativa, e não necessariamente são separados no tempo. Quando já se estava fazendo a síntese da reunião, surge essa discussão muito importante que problematiza a participação de modo geral. Num trabalho continuado, essa discussão sobre o que significam as cooperativas deveria ser aprofundada. Pensar o planejamento a partir dos três Momentos Pedagógicos permite captar esses aspectos e retomá-los com mais profundidade posteriormente.

4.2 O encontro na Microbacia de São Mateus

O encontro em São Mateus ocorreu na sede da Associação de Desenvolvimento da Microbacia de São Mateus por volta das 19h30min. Compareceram apenas quatro pessoas. Acredita-se que o pequeno número de participantes se deveu ao fato de que o convite foi entregue pessoalmente para apenas alguns deles, uma vez que a Reunião dos Grupos de Renda em que ele foi entregue ocorreu na localidade de Fazenda de Dentro e muitos dos entrevistados da Microbacias de São Mateus não estavam presentes. Consequentemente, a consulta sobre a melhor data e horário também foi feita apenas aos que estavam presentes na ocasião.

Posteriormente, voltou-se à comunidade para registrar algumas imagens necessárias para a finalização desta pesquisa e se pôde conversar com alguns agricultores de São Marcos e São Mateus, que explicaram os motivos pelos quais não comparecem. Um desses motivos foi ter trabalhado na roça até as 20h, confirmando o que se havia coletado nas entrevistas: “O que importa para eles é o sol, e não o horário”.

O encontro em São Mateus também se iniciou com a explicação sobre os motivos da reunião. A rodada de apresentações foi dispensada porque os presentes conheciam as pesquisadoras e conheciam uns aos outros. E a dinâmica para “quebra-gelo” também não aconteceu devido ao pequeno número de pessoas.

Nessa reunião todos se sentaram à mesa e o cartaz com as frases foi colado na parede. Embora a colocação de V (verdadeiro) e F (falso) também tenha sido a forma de dar início à discussão, o diálogo aconteceu de maneira muito mais informal.

4.2.1 Destaques da discussão

Apresenta-se neste tópico uma síntese da reunião. Mas desde já se destaca a discussão ocorrida em torno da venda dos produtos que, embora não tenha sido retomada na parte de síntese da reunião, mostra a facilidade de acesso ao mercado como uma importante contradição a ser trabalhada com essa população. A frase que remetia à dificuldade de vender os produtos foi considerada falsa, tendo em vista que entendiam que essa dificuldade não existia porque sempre havia um intermediário que compraria a produção. Por outro lado, ficou evidente o baixo preço pago pelos produtos agrícolas pelos intermediários para que estes também possam ter retorno econômico, e que esses intermediários algumas vezes são também agricultores, parentes ou vizinhos; as dificuldades de levar seus produtos sozinhos até a Ceasa; o abandono da atividade agrícola pelos homens que, diante do pequeno retorno econômico, preferem trabalhar “por dia” e pelas mulheres, que acabam preferindo trabalhar como faxineiras na cidade.

O abandono, por parte da comunidade, da produção agrícola voltada para o mercado foi entendido como uma das causas que levaram também ao abandono da produção para consumo próprio. A discussão sobre a produção para consumo próprio, por sua vez, levou à discussão sobre o consumo de alimentos com agrotóxicos.



Figura 21. Registro da reunião na Microbacia de São Mateus

A frase que remetia a saída dos jovens à impossibilidade de fazer carvão possibilitou uma discussão importante e mais ampla sobre a falta de estímulo de modo geral para a agricultura. Além de se fazer referência pontual a jovens que desistiram da agricultura após abordagem pela polícia ambiental quando faziam carvão, também se discutiu a grande quantidade de insumos externos necessários para fazer a agricultura; a necessidade de comprar as mudas para o cultivo de hortaliças, uma vez que as mudas produzidas pelo agricultor não são de boa qualidade; as perdas por causa das intempéries e as dívidas geradas pelas compras de insumos. Ou seja, iniciou-se uma discussão riquíssima sobre as técnicas “modernas” de produção para as quais os agricultores não percebem alternativas. Encontram-se num círculo vicioso que parece sem solução.

Diante dessa discussão foi problematizado pelas mediadoras o papel da assistência técnica e ficou evidente a carência de um processo sistemático de atuação dos técnicos junto às comunidades.

A frase que remetia à produção ilegal do carvão confirmou a insatisfação da população com respeito ao tratamento recebido pelos órgãos ambientais e possibilitou a discussão sobre as reuniões iniciadas pelos próprios carvoeiros para encaminhamento da solução. Discutiu-se a existência de interesses particulares por trás da proposta de legalização de fornos e motosserras que estava sendo prometida pelo poder público municipal.

Ainda a respeito da produção de carvão, foi confirmada e exemplificada a intriga entre vizinhos por causa das denúncias aos órgãos ambientais.

A frase que remetia ao antigo sistema de produção em que se plantava ingá nos morros para servir de lenha e enriquecer a terra permitiu, mais uma vez, uma discussão ampla sobre a agricultura que evidenciou o carvão como um subproduto

da lavoura, feito para aproveitar a lenha das clareiras abertas para a implantação de roças. Pôde-se lembrar que no sistema antigo não se usava adubo nem agrotóxicos, e ressurgiu a discussão sobre as denúncias a respeito da produção de carvão. Além disso, foi possível ter uma amostra do saber local sobre manejo da floresta.

A frase que remetia aos malefícios do uso de agrotóxicos e da fumaça do carvão, além de abordar os vários casos de intoxicação que chegam a exigir internação hospitalar, ou outros que são ocultados pelas próprias vítimas, evidenciou um aspecto pouco abordado durante as entrevistas: o desconforto gerado pela fumaça do carvão. Não apenas para os que manuseiam os fornos, mas para a população em geral, que sente até mesmo dificuldades para respirar em determinadas horas do dia – fato que motiva a realização de denúncias.

Quando a sequência de frases exposta na parede começou, de certa maneira, a repetir as discussões já realizadas a partir das frases iniciais que diziam respeito à antiga forma de cultivar, em que não se usavam insumos industrializados, as mediadoras passaram a problematizar alguns aspectos sobre o sistema produtivo, perguntando, por exemplo, quando se começou a usar veneno.

A partir de então, evidenciou-se que o uso desses insumos teve início no momento em que se começou a plantar hortaliças, que, por sua vez, era consequência da possibilidade de drenagem das áreas planas antes naturalmente alagadas. Essa discussão remeteu à percepção de mudanças no uso do espaço e sobre a valorização econômica dessas “novas” áreas produtivas.

A frase que remetia à falta de alternativas de renda diante da única possibilidade percebida, que é a produção do carvão, possibilitou a retomada e a problematização por parte das mediadoras sobre a participação dos homens. A discussão gerada evidenciou que os homens da comunidade se unem quando o que está em pauta é o encaminhamento para algum problema sentido por eles, bem como evidenciou a falta de apoio dos órgãos oficiais que atuam na comunidade para o encaminhamento dessa questão.

Em seguida, ocorreu o que naquele encontro poderia ser caracterizado como o 2º Momento Pedagógico. As mediadoras procuraram resgatar aspectos da discussão ocorrida durante toda a etapa de Problematização Inicial que ajudavam na percepção das relações entre as situações significativas da comunidade e agregaram informações sobre o processo de modernização da agricultura no Brasil que estava se refletindo naquelas comunidades. Discutiu-se que a agricultura feita nos morros se baseava num saber local, acumulado com o tempo, a partir do qual veneno e adubos químicos não eram necessários. Como eles mesmos haviam percebido, esses insumos começaram a ser usados na década de 1970 e isso coincidia com um período em que no Brasil passou a incentivar muito o uso desses insumos. Assim, a várzea começou a ser utilizada num período que coincidiu com o incentivo às técnicas modernas de produção. Dessa forma, para essas áreas planas, a comunidade não teve o mesmo processo de construção do conhecimento que teve para os morros. E se agora estamos percebendo que esses insumos nos estão fazendo mal, precisamos estudar novas formas de utilização dessas áreas. Se estamos identificando que temos

esse problema, devemos querer buscar a solução. E agora cabe ressaltar a fala de uma pessoa presente: “Queremos?! Mas os maiores não fazem nada pela gente!”.

Na sequência, iniciou-se espontaneamente uma postura diferente entre os presentes que caracterizou, nesse encontro, o 3º Momento Pedagógico. Os presentes começaram a esboçar soluções para os problemas percebidos e uma síntese da reunião que pudesse ser aproveitada em futuros projetos a ser desenvolvidos na comunidade. Uma das decisões mais importantes foi a necessidade de buscar alternativas para cultivos que usam muito veneno.

4.3 Observações do ponto de vista da dinâmica realizada

Do ponto de vista da dinâmica realizada, entende-se que ela gerou uma boa discussão; permitiu identificar importantes lacunas que devem ser retomadas com a população e que são apresentadas no tópico 5 deste texto, em que são apresentadas sugestões de conteúdos e estratégias para ser trabalhados.

O encontro proporcionou evidenciar falas contraditórias que mostram a importância de se ter em conta todos esses pontos de vista, não permitindo que a percepção de pessoas mais desinibidas seja tomada como consenso. A esse respeito, ficou claro que algumas pessoas falavam mais que outras, sobretudo no encontro das Fazendas. Uma estratégia para melhorar esse aspecto é a realização de pequenos grupos para discussão das questões sugeridas, aliás, conforme sugere Delizoicov (2002). Após um tempo determinado, a síntese da discussão dos pequenos grupos seria apresentada ao grande grupo.

Tinha-se como desafio captar, num único encontro, uma visão geral sobre as principais situações significativas. Por isso, usaram-se as frases da população como codificação inicial. Tomou-se o cuidado de ler as frases várias vezes porque era possível a presença de alguma pessoa que não dominasse a leitura, embora soubéssemos que a maioria dos presentes sabia ler e escrever. Quando essas situações forem tomadas para discussão individualmente, sugerimos também o uso de codificações visuais, como fotos, desenhos e, segundo o que se quer propor para reflexão, mapas, caminhadas pela mata. O importante é destacar que o método não é separado do conteúdo. Ou seja, devem-se preparar as codificações tendo em vista aquilo que precisa ser apreendido pelo grupo.

4.4 Observações do ponto de vista dos objetivos estabelecidos

A dinâmica utilizada permitiu atingir os objetivos estabelecidos. Pudemos unificar as situações significativas em Temas Geradores (apresentados a seguir), identificar quais apresentam maior potencial mobilizador e identificar carências que precisam ser supridas a partir de um programa continuado de ação.

Embora tenhamos programado o encontro com os agricultores, o leitor pode ter percebido que ele não ocorreu exatamente como planejado. Neste texto,

optou-se por apresentar o planejamento e a ação, de forma a possibilitar ao leitor a reflexão sobre a importância do planejamento e, ao mesmo tempo, da capacidade de improvisação, mas, sobretudo, reconhecer a importância do instrumento de planejamento (Momentos Pedagógicos) para alcançar os objetivos estabelecidos para o encontro, mencionados anteriormente.

É importante notar que por trás das discussões sobre as situações identificadas, sempre aparecem discussões sobre as possibilidades de participação. Isso reforça o argumento de que é preciso propor à comunidade participar em discussões que tenham a ver com sua vida cotidiana, muitas vezes tão precária. E aí se pode observar a riqueza do instrumento de planejamento utilizado e o papel essencial do técnico que, partindo da percepção da comunidade, não pode perder de vista sua função de fazer enxergar as possibilidades de melhoria, de crescimento e de ruptura com a situação atual. Essa ruptura deve ser conseguida aos poucos, planejada com a comunidade a partir da reflexão sobre seus Temas Geradores.

Os encontros relatados, embora contenham em si mesmos os três momentos pedagógicos, quando parte de um programa continuado de educação-ação, estariam contidos num bloco, que seria o da Problematização Inicial do Programa. Por isso, a preocupação maior foi a de colocar e organizar o pensamento atual das pessoas. Outros encontros e atividades deveriam ser realizados para que os mediadores pudessem captar com mais detalhes as percepções das pessoas para depois, com mais critério, poder planejar atividades para a construção de conhecimentos novos para superar as situações identificadas.

É importante dizer que nessa postura de sempre observar e refletir a realidade, não só a comunidade mas também o técnico devem sempre rever sua atitude, buscando atualizar seus conhecimentos, incorporando o saber local dos agricultores e fazendo parcerias com outros profissionais.

4.5 Os temas geradores

Entende-se que as situações discutidas são de fato significativas para a população das Microbacias das Fazendas e de São Mateus e, a partir das discussões geradas, entende-se que estão contidas no **Tema Unificador**, que é o mercado.

Esse tema congrega todas as situações identificadas. Diz respeito às poucas vias de escoamento da produção, percebidas pela comunidade, e ao baixo preço pago por produtos cultivados historicamente nas localidades, como a banana, cultivada sem agrotóxicos, que é abandonada devido ao pequeno retorno econômico conseguido com sua venda nos canais atuais de comercialização, assim como os outros produtos, inclusive o carvão. Diz respeito também à dependência dos agricultores em relação aos intermediários que levam a produção para a Ceasa e aos compradores do carvão, sendo estes muitas vezes moradores e até agricultores das mesmas localidades. A falta de perspectiva de mercado parece empurrar a produção para modelos cada vez mais dependentes de insumos externos, que é o que se considera capaz de colocar no mercado com preço razoável.

Esse Tema unificador está ramificado nos seguintes temas:

Tema gerador 1: Áreas de preservação permanente e floresta

Este tema se refere à necessidade de discussão e encaminhamento para questões como o abandono de formas antigas de produção (e do saber tradicional a elas associado), como a roça de toco, diante da legislação ambiental restritiva e a não visualização de alternativas econômicas; da baixa autoestima diante da produção do carvão e da desconfiança entre vizinhos por causa das denúncias para os órgãos ambientais. Assim, remete a mudanças necessárias no processo produtivo por causa da legislação ambiental e à falta de conhecimento para iniciar outro processo ou mesmo à falta de conhecimento a respeito do que a legislação ambiental permite. Remete à falta de assistência técnica para trabalhar essas questões, para gerar renda nas condições de terreno de que dispõem. O pequeno preço pago pelos produtos como a mandioca e a banana cultivadas nos morros impulsiona cada vez mais o carvão a representar a maior parte da renda das famílias.

Aqui não se pode deixar de observar que nos dados oficiais sobre o município de Biguaçu a produção de carvão vegetal é considerada inexistente¹⁴. Para o IBGE, assim como para outros órgãos, não existe a produção de carvão; não existem os carvoeiros. Nega-se a existência de uma gente e de sua luta.

Este tema remete também à legislação ambiental que restringe o uso das margens dos cursos d'água que atingem diretamente os rizicultores. O uso das áreas de preservação permanente e a substituição de áreas de vegetação nativa foram relacionados pelos agricultores à mudança no volume dos cursos d'água. Dessa forma, o tema está relacionado também às diferentes percepções existentes a respeito da água, sobretudo em relação à mudança na quantidade ao longo dos últimos anos. A discussão sobre quantidade de água evidenciou aspectos da drenagem de áreas antes naturalmente alagadas onde atualmente se faz agricultura com intenso uso de insumos químicos e agrotóxicos.

A comunidade não enxerga a possibilidade de uso da terra por causa das restrições da legislação ambiental, e isso colabora para a saída dos jovens.

Tema gerador 2: Agrotóxicos e manejo do solo

Este tema diz respeito ao necessário encaminhamento do uso intenso de agrotóxicos e adubos químicos e às diferentes percepções de suas consequências para a saúde. Constatou-se que nas comunidades pesquisadas existem muitos casos de intoxicação e, por outro lado, os agricultores têm a percepção de que é impossível diminuir esse uso e continuar com produção rentável. Existe uso intenso de maquinário e técnicas de manejo que desestruturam o solo. Constatamos que há uma visão de que é impossível mudar o uso dos agrotóxicos, muito forte entre os jovens e também entre as lideranças. O uso de agrotóxicos está também associado à contaminação da água, que foi mencionada nas discussões, mas sua importância foi diminuída quando pensam na poluição a que estariam sujeitos se morassem na cidade.

¹⁴ O leitor pode confirmar essa informação acessando <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>.

Tema gerador 3: Assistência técnica

A discussão gerada confirma as situações apresentadas como potencialmente mobilizadoras e a falta de participação devida, sobretudo, ao não tratamento dessas situações. Ou seja, o estudo mostrou que a dificuldade de participação está associada à falta de algo que motive realmente as pessoas, ligado a suas necessidades mais imediatas. Percebeu-se, também, falta de propostas claras e contínuas para alternativas de renda agrícola, tendo em vista o desejo da população em permanecer como agricultores.

Entretanto, não existe a consciência de que, como agricultores familiares, são público exclusivo da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural e não discutem os efeitos perversos da Revolução Verde, não só sobre os agricultores mas também sobre os consumidores, tendo a tendência de atribuir aos consumidores a culpa pelo uso de agrotóxicos na agricultura, quando a realidade é muito mais complexa, haja vista a grande massa descapitalizada que compra os produtos ao preço mais baixo possível e sem importar-se com a qualidade. Suas reivindicações perante a assistência técnica são referentes a aspectos pontuais, por exemplo, algum receituário ou o uso de maquinário agrícola. Assim, é necessário que a população possa perceber novas formas de se relacionar com os órgãos públicos em geral e, especificamente, com aqueles vinculados à assistência técnica, constituindo-se esse aspecto também num tema gerador.

Tema gerador 4: Segurança alimentar

Este tema, embora pouco evidente nas discussões, é colocado pelas mediadoras porque se faz necessário para possibilitar uma compreensão total do Tema Unificador “Mercado” uma vez que foi verificada uma tendência, sobretudo entre os jovens, de produzir apenas para o mercado, sem a preocupação com a qualidade alimentar. Pode motivar mais diretamente as mulheres, culturalmente envolvidas com a produção para consumo próprio. Colocamos neste tema também a preocupação com a qualidade do alimento e o potencial de resgate do conhecimento tradicional sobre o preparo de alimentos e o resgate de variedades crioulas que vão sendo abandonadas em função das sementes melhoradas.

5 Um programa de ação para as Microbacias de São Mateus e das Fazendas

Chegou-se à etapa de selecionar os conteúdos que se mostram necessários para a superação das situações identificadas, que corresponde à “Redução Temática” proposta por Paulo Freire.

O ideal seria que esta etapa de organização dos conteúdos levasse efetivamente à construção de um programa educativo que deveria nascer da comunidade em conjunto com os técnicos, a partir do aprofundamento dos Temas

Geradores apontados acima.

O tema Segurança Alimentar foi incluído pelas pesquisadoras embora não tivesse surgido espontaneamente dos agricultores. A sugestão de temas por parte dos mediadores está prevista na proposta de Paulo Freire quando ele se refere aos “temas-dobradiças”:

Nesse esforço de “redução” da temática significativa, a equipe reconhecerá a necessidade de colocar alguns temas fundamentais que, não obstante, não foram sugeridos pelo povo, quando da investigação.

A introdução desses temas, de necessidade comprovada, corresponde, inclusive à dialogicidade da educação, de que tanto temos falado. Se a programação educativa é dialógica, isso significa o direito que também têm os educadores-educandos de participar dela, incluindo temas não sugeridos. A esses, por sua função, chamamos “temas-dobradiças”. (Freire, 1975, p. 115-116)

5.1 Sugestão de conteúdos para aprofundar os temas

Abaixo são listados alguns conteúdos necessários para a superação das situações identificadas para ser trabalhadas a partir dos temas. A discussão mais aprofundada com a comunidade sobre as situações e a formação de uma equipe interdisciplinar para discuti-las certamente permitiria um refinamento maior dessas sugestões.

- Leis ambientais
- Estrutura do solo
- Ecologia do solo
- Princípios de manejo florestal
- Produtos madeiráveis e não madeiráveis da floresta
- Recuperação de áreas degradadas
- Tipos de agroecossistemas e capacidade de suporte
- Conservação da biodiversidade

- Doenças transmitidas pela água
- Gestão de águas e leis relacionadas
- Funções ecológicas da floresta e áreas ciliares
- Princípios do manejo em bacias hidrográficas
- Processos de lixiviação
- Contaminação da água

- Princípios de atuação dos agrotóxicos
- Toxicidade dos agrotóxicos
- Manejo integrado de pragas
- Doenças de plantas
- Nutrição de plantas

- Relação solo-planta
- Cuidados fitossanitários pós-colheita
- Princípios de agroecologia

- Políticas agrícolas
- Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural
- Princípios do cooperativismo e associativismo
- Princípios de economia
- Alternativas não agrícolas (potencial turístico, etc.)
- Fontes alternativas de financiamento
- Redes alternativas de comercialização
- Comércio solidário
- Impactos socioambientais da modernização da agricultura

- Noções de planejamento, monitoramento e avaliação dos sistemas produtivos
- Princípios de observação e sistematização de dados
- Domínio da leitura e escrita

5.2 Estratégias metodológicas sugeridas

No caso desta pesquisa, o primeiro passo é retomar as discussões em torno das situações-limites identificadas, tomadas separadamente. Depois de discutidas as situações em separado, elaborar o programa com conteúdos necessários a ser desenvolvidos – ou seja, aprofundar a redução temática, iniciada neste trabalho – para a superação das situações discutidas e apresentá-lo à população.

“Programa em que o povo se encontrará, de que não se sentirá estranho, pois que dele saiu.” (Freire, 1987, p.118).

Na apresentação do programa, os mediadores devem fazer a explicação a respeito da colocação do tema “Segurança alimentar”.

Não se perdeu de vista que esta pesquisa foi realizada para sugerir caminhos para a resolução de conflitos e falta de participação. Entende-se, no entanto, que isso será o resultado de um processo que vise a enfrentar as situações que tocam, de fato, a comunidade, como aquelas contidas nos Temas Geradores apresentados acima. A organização formal ou informal das pessoas será o resultado e não o começo do processo.

Acredita-se que um programa que contemple essas carências tão imediatas consiga mobilizar a comunidade para reorientar seu destino. E sempre podemos começar pensando:

- Qual meta precisa ser alcançada para superar a situação-limite identificada?
- O que é necessário aprender para alcançar essa meta?
- Como proporcionar a apropriação dos conhecimentos necessários?

Por exemplo, se for decidido de comum acordo com os agricultores encontrar alternativas de uso sustentável da floresta, podem-se definir os seguintes aspectos:

1) Meta: Identificar formas sustentáveis de utilização da floresta para geração de renda.

2) O que é necessário aprender para alcançar essa meta

• **Conhecimentos a ser adquiridos de forma explícita**

- sucessão vegetal (estágios da floresta);
- princípios de manejo florestal;
- efeitos do manejo sobre a diversidade florestal;
- princípios de manejo agroflorestal;
- mercados alternativos.

• **Conhecimentos a ser adquiridos de forma implícita**

- organização para discutir os avanços de cada sistema estabelecido;
- novas formas de relação com os agentes de assistência técnica e extensão rural;

- sistematização de conhecimentos agrícolas e florestais;

- organização para comercialização.

3) Como proporcionar a apropriação desses conhecimentos

Como grandes passos para a apropriação do conhecimento necessário, pode-se estabelecer:

a) “Re-conhecer” (problematização inicial)

É o momento de, começando pelas práticas atuais, possibilitar aos agricultores uma reflexão sobre o que vem sendo feito, e aos técnicos, conhecer com mais profundidade os sistemas locais a fim de procurar parceiros e planejar atividades apropriadas.

Para este primeiro momento, poderíamos colocar como objetivos:

- Verificar o uso já dado pelos agricultores a algumas espécies.
- Resgatar antigos usos de espécies florestais e formas de manejo.
- Identificar espécies que aparecem em diferentes históricos de uso do terreno e condições de manejo.
- Escolher espécies ou sistemas a ser testados e estudados.

b) Estudar o que precisamos (organização do conhecimento):

É o momento de propor atividades para a aquisição dos conhecimentos necessários à superação da situação-limite identificada. No caso exemplificado, pode-se colocar como objetivos deste momento:

- Compreender as funções ecológicas da floresta e da vegetação ciliar.
- Reconhecer os estádios de sucessão florestal.
- Identificar os princípios de sistemas agroflorestais.
- Compreender características específicas de espécies ou sistemas escolhidos e suas relações com outras espécies.
- Conhecer redes de comércio alternativo e as possibilidades de integrar-se a elas.
- Conhecer a legislação ambiental, suas restrições e possibilidades em

relação às áreas de florestas e às áreas ciliares.

- Conhecer procedimentos de monitoramento do crescimento das espécies.

c) Analisar, alterar, reorientar (aplicação do conhecimento)

É o momento de avaliação e síntese das possibilidades que vão surgindo a partir do que vem sendo estudado e da orientação de novas ações.

Para este momento, pode-se estabelecer como objetivos:

- Fazer uma avaliação do crescimento das plantas.
- Fazer uma avaliação do retorno econômico do manejo implantado.
- Identificar novas parcelas a ser instaladas.
- Identificar mudanças a ser adotadas no manejo.
- Verificar novos assuntos a ser estudados.
- Identificar formas de processamento e agregação de valor aos produtos.
- Participar em cursos de capacitação.

5.2.1 Exemplos de atividades

Tendo em vista os objetivos ao longo dos três grandes passos, algumas atividades que podem ser realizadas:

- Excursões pela mata para identificação e registro de espécies usadas atualmente ou no passado pela comunidade.
- Caminhadas para observação das espécies e ocorrência delas segundo condições do terreno e histórico de utilização da área.
- Oficinas para sistematização e discussão dos dados coletados.
- Coleta e discussão periódicas de dados.
- Acompanhamento dos custos com discussão periódica com os agricultores.
- Delimitação de parcelas para implantar experimentos de manejo florestal com as espécies escolhidas.
- Visita a outras experiências de manejo.
- Identificação de instituições parceiras (universidades, centros de pesquisa).
- Estabelecimento de canais de participação, negociação social e parceria junto aos órgãos ambientais.

É importante notar que a elaboração do Programa também foi baseada nos Momentos Pedagógicos, e os conhecimentos novos a ser apropriados pelos agricultores serão sempre o ponto de chegada, e não de partida.

Além disso, é importante entender que:

Como organizadores, esses momentos não se distinguem no tempo, constituindo atividades separadas. São, sobretudo, uma forma de refletir aonde queremos chegar e qual direção podemos dar ao trabalho em cada momento. É um lembrete permanente para a nossa postura de diálogo não cair em uma confusão “semântica” ou na fala de só um dos lados, quer seja o do aluno ou o do professor, como em geral acontece. (Pernambuco, 1993, p.35)

Ou seja, uma mesma atividade pode significar a Problematização Inicial de uma situação, enquanto já representa a Organização do Conhecimento em

relação a outro aspecto. Por exemplo, uma atividade de sistematização de dados sobre as espécies florestais de acordo com os ambientes em que ocorrem pode ser uma maneira de fazer enxergar a perda de espécies que poderiam gerar alguma renda quando executamos determinado manejo, ao mesmo tempo já significa o aprendizado a respeito de uma nova forma de registrar seu conhecimento sobre a floresta.

Outro exemplo: uma atividade para definir as árvores frutíferas existentes na floresta ou plantadas em áreas ciliares que podem ser manejadas para a coleta de frutos pode significar a aplicação do conhecimento de todo um processo de verificação das possibilidades de geração de renda através do manejo da floresta. Por outro lado, pode significar a problematização, o questionamento sobre as maneiras mais adequadas de processar os produtos (elaboração de geleias e compotas, por exemplo), sobre a necessidade de realizar um curso, sobre as embalagens mais adequadas ou sobre a necessidade de encontrar mercados diferenciados.

Tendo em conta a não existência de consenso a respeito de alguns aspectos da realidade local que precisam ser trabalhados com a comunidade e, sobretudo, uma visão por parte de algumas lideranças de que melhorias são impossíveis, é fundamental que os encontros sejam planejados para propiciar que pessoas não reconhecidas como lideranças também possam participar ativamente.

Alguns procedimentos que podem auxiliar no envolvimento de todos são o estabelecimento de processos sistemáticos de coleta de dados e avaliação em campo (na própria lavoura, na floresta, no rebanho, na pastagem) de parâmetros determinados a partir daquilo que se quer conhecer¹⁵. Sugere-se o estabelecimento de parcelas experimentais a ser conduzidas pelos próprios agricultores que têm como objetivo estabelecer um processo de diálogo que parta daquilo que já é familiar a eles. É o estabelecimento de processos de pesquisa participativa com o objetivo de causar condições apropriadas para resgatar criticamente aspectos do saber local e possibilitar o aprendizado, por parte dos agricultores, do saber de outros agricultores e também de aspectos fundamentais do conhecimento científico. Ao mesmo tempo que se deve valorizar o conhecimento local e tradicional, não se pode desprezar o conhecimento científico capaz de auxiliar na superação das situações-limite.

Nessa direção, exemplos a ser levados em conta e merecem ser conhecidos pelos agricultores são:

As **Lavouras de estudo** estabelecidas na Comunidade de Ribeirão Klauberg (Ituporanga, SC) pela equipe técnica da Estação Experimental da Epagri em Ituporanga, em que agricultores e técnicos experimentam o Sistema de Plantio Direto de Hortaliças (SPDH) e apreendem novos conhecimentos sobre manejo do solo, nutrição de plantas, mercados alternativos, corredores ecológicos, regime hídrico, etc.

¹⁵ Espelha-se em vários aspectos do trabalho de alguns extensionistas e pesquisadores, como José Giovanni Farias, Adriano Canci e Jamil Abdala Fayad, e do grupo de Pesquisa, Extensão e Aprendizado Participativo da Epagri, coordenado por Sergio Leite Guimarães Pinheiro, sobretudo em procedimentos utilizados por eles que possibilitam uma atuação técnica conscientizadora e transformadora.

O **Grupo do pasto**, incentivado pela equipe técnica da agricultura de São Bonifácio, SC, (Epagri, Prefeitura e laticínios) que soube aproveitar as iniciativas já existentes no município em torno de novas técnicas de manejo da pastagem e ampliá-las para outros aspectos fundamentais, como: a relação custo-benefício do uso das encostas íngremes com pastagens, possibilidades de utilização de árvores para alimentação do gado, mercados alternativos, novas formas de apresentação e identificação dos produtos da agricultura familiar, entre outras. Mas, sobretudo, sua abertura a inúmeros parceiros, de diversas instituições, que trocam experiências e saberes com os agricultores.

O trabalho de **resgate e conservação de sementes crioulas** de diversas culturas (milho, feijão, pipoca, melancia, arroz, entre outras), desenvolvido por associações de agricultores e pela Epagri nos municípios de Anchieta e Guaraciaba (Oeste Catarinense), que, através do “Kit Agrodiversidade”, disponibilizam a centenas de famílias sementes em quantidade suficiente para garantir o plantio necessário para um ano de alimentação. Atualmente, esse trabalho também começa a se expandir para a busca de alternativas sustentáveis de uso da floresta.

5.2.2 Por onde começar

Entende-se que o tema mais apropriado para iniciar um processo de interação na Microbacias das Fazendas é: **Áreas de preservação permanente e floresta**. Esse tema tende a mobilizar tanto os carvoeiros, por sua relação direta com a floresta, como os rizicultores, devido às áreas ciliares. Diz-se que é possível iniciar por “um” tema porque os temas estão relacionados entre si e, desde que não se perca de vista que essas relações durante o andamento dos trabalhos, as situações significativas contidas nos outros temas também serão enfrentadas com o decorrer do tempo. Com esse tema, **Áreas de preservação permanente e floresta**, pode-se, até mesmo, formar dois grupos, ou dois focos de atuação: um nas áreas declivosas com floresta, e outro nas áreas ciliares.

Para a Microbacia de São Mateus (localidades de São Mateus, São Marcos, Canudos e Espanha), entende-se que tanto o tema **Áreas de preservação permanente e floresta** quanto o tema **Agrotóxicos e manejo do solo** são apropriados para o início. Nas comunidades da Microbacia de São Mateus, verificou-se a mobilização espontânea de agricultores tentando encaminhar a questão da produção de carvão. Por outro lado, verificou-se que muitos jovens querem permanecer na agricultura rendendo-se ao uso de agrotóxicos. Também nessa comunidade foram relatados casos recentes de intoxicação.

Aos poucos, independentemente do tema inicial, se o trabalho for encaminhado de forma integrada, as situações significativas vão aparecendo e novas ações tendem a ser geradas, contribuindo para a compreensão e solução para o tema unificador. Usar a floresta de forma diferente vai gerar novas parcerias, novos conhecimentos sobre os mercados a ser acessados. O mesmo se pode dizer em relação às novas formas ou ao resgate de formas antigas de fazer agricultura, mais

saudáveis. O enfrentamento dos temas, tomados em uma perspectiva de totalidade, tendem a possibilitar melhor compreensão e melhor enfrentamento do “monstro mercado” que, em grande medida, influencia as decisões sobre o que e como plantar.

Deve-se ressaltar que a consulta a especialistas sempre representará uma importante possibilidade para o crescimento dos grupos formados, conforme os desdobramentos dos trabalhos. E tão mais rico será o processo quanto mais heterogêneo for o grupo de agricultores e a equipe técnica que coordena.

6 Autoavaliação

Entende-se que a jornada cumpriu com as expectativas e, por se ter apresentado o processo bem quanto o produto, acredita-se que o caminho descrito pode ser utilizado em outras comunidades. Contudo, não é possível eximir-se da autocrítica para que se possa fazer melhor no futuro.

Acredita-se que o trabalho poderia ser mais rico se a equipe fosse formada por mais profissionais e de áreas diferentes do conhecimento. Essa carência poderia ter sido diminuída a partir de um entrosamento maior com a equipe técnica do escritório local da Epagri em Biguaçu. Porém, a partir das primeiras informações coletadas sobre as localidades, entendia-se que era recomendável um “afastamento inicial” em relação a essa equipe para que as pessoas que seriam entrevistadas não vinculassem nossa atividade a um ou outro órgão e, dessa forma, ficassem constringidas a discutir determinados assuntos.

Por outro lado, dados a natureza subjetiva do objeto de pesquisa, o pressuposto de pesquisar **com** a comunidade e as carências identificadas, entendia-se que a atuação das pesquisadoras poderia resultar no início de um processo a ser continuado pela equipe técnica local, uma vez que o trabalho tinha prazo predeterminado. Assim, a articulação com a equipe local poderia ter sido feita para discutir maneiras de dar continuidade ao trabalho para enfrentamento das situações identificadas e um enriquecimento da análise a partir da visão de outros profissionais.

Crendo que se estava adotando uma postura ética de não criar falsas expectativas diante da incerteza de continuidade dos trabalhos, preferiu-se não expor abertamente à comunidade que o ideal seria montar um programa de ação para o enfrentamento das situações que viessem a ser identificadas. Assim, por respeito ao tempo e à dedicação que exigiriam, tampouco se convidaram pessoas da comunidade para participar da análise dos dados permanentemente – como sugere Paulo Freire: os “representantes do povo”.

Agora, ao fim do trabalho, percebe-se que poderia ter sido mais rico para todos se desde o início tivessem sido esclarecidas à comunidade as limitações da atuação das pesquisadoras, desafiando-os a tomar a frente do processo, que poderia ser enormemente facilitado com a atuação técnica comprometida, mas não seria impossível sem ela. Temos na lembrança pessoas jovens e idosas, agricultores e não agricultores, rapazes e moças com enorme capacidade e visão crítica da realidade

que poderiam ter sido “resgatadas” mais abertamente por nós durante o trabalho.

Fica aqui a admiração a essa gente e o estímulo para que leiam e discutam criticamente o que foi escrito neste texto e o utilizem como um início para trabalhos guiados por eles mesmos, que certamente serão bem melhores do que nossas sugestões. Da mesma forma, espera-se que as pessoas que trabalham diretamente com as comunidades se sintam abertas a discutir com elas os resultados desta pesquisa e se comprometam e propiciem, dentro das suas possibilidades, uma nova dinâmica de oportunidades para a população das Microbacias.

Espera-se que o caminho proposto neste estudo possa, também, motivar outras comunidades e profissionais a transformar situações-limite em oportunidades, visando à construção de capacidades locais para a promoção de um futuro melhor.

7 Considerações finais

Esta pesquisa foi realizada para auxiliar na compreensão das razões que estavam provocando conflitos entre as famílias e pouca participação nas atividades coletivas em algumas comunidades atendidas pelo Projeto Microbacias 2 na região da Grande Florianópolis. Coube às pesquisadoras também o desafio de sugerir caminhos para contornar as situações identificadas.

Desde o início, trabalhou-se numa perspectiva de que, para o encaminhamento democrático das questões que viessem a ser desveladas, seria necessário seu enfrentamento aberto, consciente e público. A proposta educacional de Paulo Freire, que tem como pressupostos básicos o diálogo entre saberes para compreender criticamente a realidade e atuar sobre ela, serviu como guia para conhecer os problemas **com** a população, iniciar com ela um processo de percepção crítica desses problemas e deixar pistas para um caminho de aprofundamento e transformação.

Constatou-se que os conflitos e a falta de participação estão estreitamente relacionados a carências concretas que ainda não foram tratadas com a profundidade necessária. Algumas carências ainda não são claramente percebidas pela população, e o primeiro passo para seu enfrentamento deve ser a promoção da releitura crítica da realidade. Não se está referindo à leitura dos técnicos **para** a população, mas ao trabalho que os técnicos podem fazer para que a comunidade faça essa releitura por si mesma, com lentes novas, que podem ser conquistadas a partir de um trabalho sistemático e constante.

Sugere-se que os Temas Geradores identificados nesta pesquisa sejam os orientadores desse trabalho, e que os procedimentos adotados sempre permitam partir daquilo que é familiar à população para, valorizando criticamente o saber local, direcionar-se à aquisição de outros saberes necessários ao enfrentamento das situações identificadas.

Áreas de Preservação Permanente e Floresta, Agrotóxicos e Manejo do Solo, Assistência Técnica e Segurança Alimentar são quatro temas identificados que contêm situações significativas da comunidade, e para lidar com eles adequadamente é

necessária uma nova postura, que exige novos conhecimentos. Um programa a ser desenvolvido com a comunidade deve dar conta de que os agricultores apreendam esses novos conhecimentos.

O tema com maior potencial mobilizador é *Áreas de Preservação Permanente e Floresta* porque abrange questões muito urgentes das comunidades das duas microbacias. Abrange questões cuja importância é percebida pela população, embora lhe faltem elementos e instrumentos para avançar. Outro tema com grande potencial mobilizador é *Agrotóxicos e Manejo do Solo*, já que diz respeito a questões vivenciadas diariamente pelos agricultores. Deve-se ressaltar, no entanto, que os quatro temas se articulam e se complementam e, independentemente de qual deles sirva para início da conscientização, se o objetivo for trabalhar para a superação das situações-limite identificadas, os quatro temas deverão ser abordados com o andamento dos trabalhos. Apenas com a compreensão parcelada, ou seja, com a análise dos temas em particular e, numa relação dialética, com a compreensão da totalidade gerada pelos conhecimentos exigidos e apreendidos a partir do aprofundamento de cada um dos temas, é que se pode pretender a superação das situações-limite contidas no Tema Unificador Mercado, o que permitirá melhorias na comunidade.

Cabe, ainda, destacar que os Momentos Pedagógicos utilizados como instrumento para a promoção da dinâmica de codificação-problematização-descodificação possibilitaram importantes resultados do ponto de vista da discussão das situações significativas com a comunidade e, portanto, para a sugestão de aspectos do programa de ação apresentado em decorrência dessa discussão. As situações apresentadas nas reuniões com as comunidades representavam hipóteses de Temas Geradores. A dinâmica utilizada permitiu identificar algumas situações com forte potencial mobilizador – que foram, então, abordadas nos Temas apresentados – e também algumas que se mostraram não significativas e, portanto, já não mereceram tanta atenção no momento da sugestão do programa de ação.

É imprescindível enfatizar que o Levantamento Preliminar – primeira etapa da Investigação Temática, em que se faz o contato individual com membros da comunidade e a coleta de dados secundários – foi fundamental para que se pudesse perceber e problematizar alguns aspectos que não seriam perceptíveis aos técnicos apenas com encontros coletivos. Ressaltamos, então, a importância do contato inicial mais particular, mais individual, antes dos encontros coletivos para que as situações possam ser mais bem apreendidas e o processo de codificação-problematização-descodificação durante os encontros para discussão das situações-limite seja preparado com mais solidez e permita a escolha dos temas geradores com mais segurança.

8 Agradecimentos

Queremos registrar nosso agradecimento a todas as pessoas que nos auxiliaram a realizar este trabalho, em especial àquelas que nos dedicaram seu

tempo em conversas sobre a comunidade e suas próprias vidas.

Agradecemos também às equipes das Unidades de Saúde da Limeira e da Fazenda de Dentro, em Biguaçu, SC, por permitirem o acesso aos cadastros do Programa de Saúde da Família, bem como à Epagri, sobretudo à equipe da Gerência Regional de Florianópolis e à equipe do Escritório Local em Biguaçu, que nos confiaram este desafio.

Referências

ANDRÉ, M.E.D.A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus. 1995. 130p.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Secretaria da Agricultura Familiar. **Capacitação de técnicos de Ater/Ates**. 2006. (mimeo)

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Agrário. Secretaria da Agricultura Familiar. **Diagnóstico rural participativo. Guia prático DRP**. Brasília, 2006a. 62p.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Agrário. Secretária da Agricultura Familiar. **Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural – Versão Final: 25/05/2004**. Brasília. 2004.

BRASIL. **Interdisciplinaridade no Município de São Paulo**. Série Inovações Educacionais. Brasília: Inep/MEC. 1994.

BRITO, M.J. et al. **Perfil da classe trabalhadora na atividade carvoejamento**. Belo Horizonte: Forest. **Anais**, 1996, p. 304-305.

CARNEIRO, M.J.; MALUF, R.S. **Para além da produção: multifuncionalidade e agricultura familiar**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, 230p.

CARVALHO, P.E.R. **Espécies florestais brasileiras: recomendações silviculturais, potencialidades e uso da madeira**. Brasília: Embrapa/CNPQ/SPI, 1994.

DELIZOICOV, D. **Didática geral**. 1.ed. Florianópolis: UFSC/EAD/CED/CFM, 2008. v.1. 128p.

DELIZOICOV, D. **Concepção problematizadora do ensino de ciências na educação formal**. 1982. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) – Instituto de Física e Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J.A.; PERNAMBUCO, M.M.C. Abordagem de temas em sala de aula. In: _____ **Ensino de ciências: fundamentos e métodos**. São Paulo:

Cortez, 2002. p.173-250.

DELIZOICOV, D. **Conhecimento, tensões e transições**. 1991. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1977.

IBGE, 2008a. Tabela 1552 do Censo Demográfico 2000. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?z=cd&o=4&i=P>>. Acesso em: 13 nov. 2008.

IBGE, 2008b. Tabela 559 do Censo Agropecuário 1996. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?z=t&o=11&i=P>>. Acesso em: 13 nov. 2008.

IBGE, 2008c. Tabela 306 do Censo Agropecuário 1996. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?z=t&o=1&i=P>>. Acesso em: 13 nov. 2008.

KLEIN, R.M. **Mapa fitogeográfico do estado de Santa Catarina**. Itajaí: Sudesul, Fatma, Herbário Barbosa Rodrigues, 1978.

MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8.ed. São Paulo: Hucitec. 2004. 269p.

PERMANBUCO, M. Quando a troca se estabelece: a relação dialógica. In: PONTUSCHKA, N.N. (Org.). **Ousadia no diálogo**. São Paulo: Loyola, 1993.

REITZ, R.; KLEIN, R.M.; REIS, A. **Projeto Madeira de Santa Catarina**. Florianópolis: Sudesul, UFSC, 1978.

SOARES, I. **História do município de Biguaçu**. Florianópolis: AAA-SC, 1988.

WOLFF, R.Á. **Recursos naturais e pequena produção rural em Sorocaba de Dentro e Amâncio (Biguaçu, SC)**. 1995. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC.

ANEXO 1 – Roteiro de entrevista

Roteiro para agricultores

Dados de identificação do informante

Nome: _____

Local de nascimento: _____

Sabe como e quando a família chegou à localidade? _____

Há quanto tempo mora na área? _____

Onde morava e no que trabalhava? _____

Identificação da propriedade

Nome: _____

Área da propriedade (ha): _____ Área ocupada (ha): _____

Forma de acesso à terra:

() Propriedade própria () Arrendatário () Posseiro () Outro: _____

Identificação do núcleo familiar

Nome: _____

Grau de parentesco: _____

Sexo: _____

Escolaridade: _____

Ocupação*: _____

Idade: _____

*Agricultor, assalariado rural permanente, assalariado rural temporário, assalariado urbano, do lar, comerciante, estudante, aposentado, outros.

Produção Agrícola

Tipo de uso	Tipo de produto e de produção*	Consumo	Comercialização
Roça			
Horta			
Frutas			
Reflorestamento			
Mata nativa			
Manejo florestal			
Outros			
Agroindústria Caseira			

* Tipo de produção: 1- Agroecológica; 2- Convencional; 3- Tradicional.

Produção animal

Tipo	Comercialização	Consumo	Agroindústria caseira

Usa abatedouro? _____

Como se faz para fazer parte do abatedouro? _____

Produtos adquiridos no mercado

Que produtos que compra no mercado e com que frequência?

Mão de obra utilizada no estabelecimento

Quem trabalha na propriedade?

Que função desempenha cada membro?

Fontes de renda

Principais produtos que geram renda:

Utilização das diferentes rendas:

Renda não agrícola

Alguém na família pratica atividades não agrícolas? () Não. () Sim. Quem?

Por que procurou atividade não agrícola?

Desde quando? _____

Atividades de lazer

O que fazem para se distrair? _____

O que os jovens fazem para se divertir? _____

Existe alguma atividade que gostaria de fazer e não faz? () Não. () Sim. Por quê?

Assistência técnica

Recebe assistência técnica de algum órgão? _____

Qual? _____ Com que frequência? _____

Quem procura quando tem alguma dificuldade no trabalho agrícola? _____

Mudanças recentes feitas no estabelecimento (cultivo/criações novas, novos tratamentos culturais, novos mercados, novas formas de se organizar)? _____

Por que fez essas mudanças? _____

Onde obteve informações para isso? _____

Existe algo mais que gostaria de mudar em seu estabelecimento? _____

O que precisa para fazê-lo? _____

APPs

Tem riachos ou fontes na propriedade? _____

O que planta ao lado dos riachos? _____

Desde quando faz isso nessas áreas? _____

Abastecimento de água/esgoto

De onde vem a água consumida na casa? _____

E a água para os animais? _____

Para onde vai a água do banheiro e da cozinha? _____

(Perceber se participou do projeto de captação de água e fossa)

Mata nativa

Falar da reunião Sindicato

Área

Em que parte do estabelecimento se localiza? _____

Quanto tempo sem cortar? _____

O que fazia antes nessas áreas? _____

Por que mudou? _____

(Aprofundar sobre usos anteriores e técnicas de rotação de culturas – roça de toco)

Todas as áreas de MN do estabelecimento estão no mesmo estádio?

Como identifica diferença entre estádios? _____

Que uso faz dessas áreas? _____

Sempre fez esse uso (ou não uso)? _____

Recebem algum apoio técnico ou incentivo (mudas, sementes, etc.) por parte de alguma instituição para a conservação? _____

Existe alguém na vizinhança ou algum conhecido que faz algum uso diferente da mata? _____

O que ele faz de interessante? _____

Por que não faz também? O que seria necessário para fazê-lo? _____

(se não tiver falado, falar da reunião do sindicato)

Existe produção de carvão na comunidade? _____

Como é feito? _____

Quem trabalha? _____

Para quem vendem? _____

Como vivem essas pessoas? _____

Participação comunitária

Participa ou já participou de alguma associação, cooperativa, grupo de Igreja, etc.?

Qual? _____

Que função tem nessa organização? _____

O que o motivou a participar dessa organização? _____

(Se não tiver falado) Participa do sindicato? _____

Além dessas organizações, existem outras que têm trabalhos na comunidade? _____

Quais organizações e quais trabalhos realizam? _____

Quem participa desses trabalhos? _____

De que forma são escolhidos pra participar? _____

Já quis participar? _____ Já tentou? _____

Por que queria participar? _____

Que tipo de atividade considera que deveria ser realizada na comunidade?

(Se não falar) Conhece o trabalho do Microbacias 2 (ADM)? _____

O que conhece? _____

Já participou de alguma atividade? _____

Que atividade acredita que o Microbacias deveria desenvolver? _____

Visão de futuro

Como vê o futuro de seu estabelecimento? _____

Quem vai trabalhar quando você se aposentar? _____

Qual o interesse dos filhos pela atividade? _____

Fez algum investimento no último ano? () Não. () Sim. Qual? _____

Houve mudanças na vizinhança? _____

Por que o senhor permaneceu aqui? _____

O que tem de bom aqui que o fez ficar? _____

Existe alguma coisa que o senhor gostaria de mudar? _____

Existe algum sonho que o senhor gostaria de realizar e ainda não realizou? () Não.

() Sim. Por quê? _____

Se fosse proposto um grupo para discutir soluções para algum ou alguns dos problemas levantados pelo senhor, o senhor participaria? _____

Que tipo de problema o senhor gostaria de discutir para tentar resolver? _____

Que dia da semana é bom para a reunião? _____